



PUC RIO

CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

O MODELO LINGUÍSTICO NA TEORIA PSICANALÍTICA
DE JACQUES LACAN

Lucy Carneiro Mano

1975

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CTCH - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TESE DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

O MODELO LINGÜÍSTICO NA TEORIA PSICANALÍTICA
DE JACQUES LACAN

por

Lucy Carneiro Mano

Circe Navarro Rivas
Profa. Circe Navarro Rivas
Orientadora da Tese

Tese submetida como requisito
para a obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Teórica

Rio de Janeiro, fevereiro de 1975

JK

70941



BC

103860

BB-10708-3

150
M295
TESE UC

ex 1

Ao Departamento de Psicologia da
PUC e a todos que, direta ou in-
diretamente, ^ocontribuíram para a
realização deste trabalho, nossos
agradecimentos.

S U M Á R I O

Nosso objetivo na realização deste estudo é mostrar a abertura de uma nova perspectiva para as ciências humanas através da aplicação do método estrutural e do modelo linguístico ao estudo do fato vivido. Este constituiu sempre um obstáculo à construção das ciências humanas e foi por elas tratado de modo superficial através da quantificação, que vai além do empírico mas não o esgota. Atualmente as ciências humanas e, principalmente, a psicologia, têm recursos para se estruturar como ciências com um rigor formal desejável, encontrando seu objeto no sujeito que conhece.

Daí nosso trabalho se iniciar por uma apreciação sobre o método estrutural, seguida de uma análise detalhada do modelo linguístico e de sua aplicação às ciências humanas e, por último, à psicanálise lacaniana, evidenciando até que ponto ela o ultrapassa e até mesmo o enriquece.

R E S U M É

Avec la réalisation de cette étude nous nous proposons a montrer l'existence d'une nouvelle perspective pour les sciences humaines à travers l'application de la méthode structural et le modèle linguistique, appliqués à l'étude du fait vécu. Celui-ci, a toujours constitué un obstacle à l'édification des sciences humaines et, pour elles, soumis a un traitement superficiel, au niveau de la quantification, il n'a atteint que l'empirique, mais sans réussir à l'épuiser.

Dans nos jours les sciences humaines et, principalement la Psychologie, ont des recours pour s'organiser comme les sciences avec la rigueur formelle désirable, en trouvant leur objet dans le sujet qui connaît.

Ça explique le commencement de notre travail par une appréciation sur la méthode structural, suivie d'une analyse détaillée du modèle linguistique et de son application aux sciences humaines et, plus récemment, à la Psychanalyse lacanienne, en mettant en évidence jusqu'à quel point elle lui outrepasse et même lui enrichit.

I N D I C E

O MODELO LINGÜÍSTICO NA TEORIA PSICANALÍTICA DE JACQUES LACAN

Pgs.

PARTE I - O Método Estrutural

1. *Lévi-Strauss e o estruturalismo* 1
2. *Os dois adjetivos "structurel" e "structural"*..... 7
3. *Conclusão* 8

PARTE II - Análise e caracterização do modelo linguístico e sua aplicação às ciências humanas

1. *O conceito de estrutura em linguística*..... 13
2. *As quatro dicotômias saussureanas; língua/fala, significante/significado, sintagma/paradigma (sistema) e sincronia/diacronia*..... 16
3. *Denotação/conotação e linguagem-objeto / metalinguagem* 23
4. *As principais regras do modelo linguístico*..... 26
5. *A posição da linguística no quadro das ciências humanas*..... 30
6. *Conclusão* 38

PARTE III - A Aplicação do Modelo Linguístico à Psicanálise

1. *Introdução* 46
2. *Principais enfoques do pensamento lacaniano* 48
3. *O uso dos dados linguísticos por Lacan* 53

4. O acesso ao simbólico e o papel do Édipo na Constituição do Sujeito.....	73
5. As formações do inconsciente e os processos linguísticos da metáfora e da metonímia....	88
6. Conclusão	108
Bibliografia	118

I N T R O D U Ç Ã O

A idéia para a realização deste trabalho foi, em nós, amadurecendo aos poucos, na medida em que frequentávamos as diferentes disciplinas do Curso de Mestrado em Psicologia Teórica da PUC. Inicialmente, nas aulas de Construção da Teoria I e Pesquisa I. Nas primeiras, quando nos deparamos com a definição de estrutura de Boudon e sua distinção entre sistemas definidos e indefinidos, onde afirma que a análise estrutural aplicada aos primeiros, pode estabelecer teorias verificáveis, enquanto que aos segundos, só pode aspirar à verossimilitude, estando a psicanálise neste último caso. Os recursos que o uso da axiomatização oferece à construção de teoria em psicologia em texto de Granger e também o problema que coloca à linguística a descoberta do fonema, em Prieto. Em Pesquisa I a distinção entre o contexto da descoberta e da justificativa em Ciência; as noções de ruptura e corte epistemológico, através de Bachelard e Pêcheux-Fichant; o exercício da leitura sintomal de um texto de Althusser sobre Freud e Lacan; uma outra de um seu escrito Sobre o Trabalho Teórico, e a de um artigo de Eginardo Pires sobre: A Teoria da Produção dos Conhecimentos. A seguir, em Personalidade II, as concepções de um inconsciente estruturado como linguagem e a de que a dimensão humana surge quando a criança se insere no simbólico, na linguagem, na cultura, na sociedade pela identificação com a Lei, através do Nome do Pai pelo interdito do incesto no texto de Lacan: A Função e Campo da Linguagem em Psicanálise. Também em Tópicos Especiais de Psicologia Teórica, numa abordagem da teoria do discurso na tese de Cos-

ta Lima, em seu quarto capítulo, sobre Os Discursos de Representação relacionados com a teoria lacaniana.

E, finalmente, em Construção de Teoria II e Pesquisa II, a sugestão do título da tese pela Professora Orientadora, após expormos nosso propósito de realização de um estudo sobre a teoria psicanalítica de Lacan. Foi quando, sob sua orientação, realizamos pesquisas sobre o método estrutural e o modelo linguístico já em função da tese.

PARTE I

O MÉTODO ESTRUTURAL

1. Lévi-Strauss e o estruturalismo.

Jacques Lacan introduziu a psicanálise na corrente de pensamento estruturalista, usando o método estrutural como instrumento de pesquisa e estudo dos dados psicanalíticos.

Lévi-Strauss em "Les structures élémentaires de la parenté" estabelece as bases do estruturalismo ao estudar os grupos mais afastados de parentesco, determinando suas estruturas elementares por trás de suas singularidades aparentes. Estas entretanto, só poderão ser apreendidas pela investigação teórica ao promover o distanciamento do vivido, do empírico. Segundo ele os modos de estudo vigentes em linguística estrutural servirão de fundamento ao método estrutural.

Em sua Antropologia Estrutural, Lévi Strauss (72) nos apresenta as quatro operações básicas do método fonológico, formuladas por Troubetzkoy, num artigo programado em 1933, o qual contribuiu para que o método estrutural em linguística fosse consagrado oficialmente. As operações são as seguintes:

1) "A fonologia passa do estudo dos fenômenos linguísticos conscientes ao de sua infra-estrutura inconsciente";

2) "A fonologia se recusa a tratar os termos como entidades independentes, tomando ao contrário como bases sua análise das relações entre os termos";

3) "A fonologia introduziu a noção de sistema" e Lévi-Strauss acrescenta, transcrevendo textualmente uma frase de Troubetzkoy: "A fonologia atual não se reduz a declarar que os fonemas são sempre membros de um sistema, ele mostra sistemas fonológicos concretos e torna patente sua estrutura";

4) O método estrutural fonológico busca descobrir leis gerais" seja encontradas por indução seja... deduzidas logicamente, o que lhes imprime um caráter absoluto. "Esta alternativa colocada por Troubetzkoy relativamente à indução e dedução deve ser hoje entendida num sentido diferente. O método em que não se exerce a indução e dedução, mas também, a analogia. Estes três procedimentos se realizam em momentos diferentes da análise, segundo um processo cognoscitivo, que considerado como um todo, constitui o que poderíamos chamar o procedimento estrutural.

Comentando estes quatro princípios fundamentais do método fonológico, segundo Peñalver Simó (76), poderemos inicialmente dizer que a noção de inconsciente procedente da terminologia freudiana deverá ser tomada nos sentidos psicológico e epistemológico. No primeiro sentido, podemos exemplificar, afirmando que o sujeito linguístico não é consciente da estrutura da língua que fala, da mesma forma que a estrutura elementar do parentesco escapa à consciência daqueles que a realizam. No segundo sentido, significa que essa estrutura subjacente não é aparente, visível, mas concebida pela razão a partir da experiência sensível. Nes-

ta concepção está um princípio metodológico essencial a todo procedimento científico: a distância sujeito - objeto, ou seja, a "objetivação" do pensamento ou como diria Bachelard (56) a ruptura epistemológica - ruptura com todas as imagens primeiras perceptivas. A explicação do real será a resultante do tratamento racional destes objetos concebidos como entidades deduzidas ou induzidas a partir da experiência.

De acordo com o segundo princípio a análise estrutural se opõe à perspectiva substancialista e atomista do real, o que há é uma estrutura de relações que evidencia o objeto e que possibilita suas relações com outros objetos. Neles só é pertinente o comparável, isto é, só o relacional é explicativo.

O terceiro princípio diz respeito à sistematicidade do real, sem o qual nenhuma operação estrutural será possível. A sistematicidade do objeto científico consiste no fenômeno ou conjunto de fenômenos delimitados e definidos pela razão científica. Só o sistemático é inteligível e pertinente, o sistemático é ininteligível e não pertinente, isto é, não relacional.

A sistematicidade impõe também o estudo imanente do objeto (Hjelmslev). Buscar o sistemático, o que há de constante em todo processo, é descobrir o que há de específico em um objeto, o que o constitui como tal. O conjunto de acontecimentos, flutuações e mudanças dados à experiên-

cia vivida e só a ela acessível é o processo. A análise estrutural postula em todo processo a existência de um sistema correspondente, o que permite a análise do processo em um número restrito de elementos, recorrentes a um número limitado de combinações (67).

Em sua aplicação linguística esta distinção entre processo e sistema corresponde à fala e à língua e ao que Lévi-Strauss chama ordem dos acontecimentos e ordem da estrutura. Esta dualidade de perspectiva que rompe com toda uma orientação historicista, genética e causalista não nega, entretanto, a temporalidade e a historicidade. As coisas se nos aparecem inteligíveis segundo duas coordenadas: a temporalidade (ponto de vista diacrônico) e a espacialidade (ponto de vista sincrônico). A noção de sistema sendo uma das noções que fundamenta a operação cognoscitiva permite a apreensão do complexo em si, postulando a inteligibilidade do relacional independentemente de toda idéia de espaço e de tempo.

Os problemas de origem são do ponto de vista estrutural falsos problemas.

A formulação de estrutura do sistema, que consiste no objeto principal da análise estrutural, dará conta de modo mais econômico das leis de combinação relacionais que definam o sistema como totalidade estruturada e estruturante. As leis estruturais sendo acrônicas serão ao mesmo tempo totalizadoras e transformacionais.

O quarto e último princípio já foi comentado acima.

Sobre as diferenças entre as noções de organização e de estrutura podemos citar Lévi-Strauss, "a noção de estrutura social não se refere à realidade empírica, senão a modelos construídos a partir desta..." "duas noções tão vizinhas que têm a miúdo sido confundidas". "As relações sociais são a matéria prima empregada para a construção de modelos, pondo de manifesto a estrutura social. Em nenhum caso esta deve ser reduzida ao conjunto de relações sociais, observáveis em uma sociedade dada" (72).

Do que foi dito acima, resulta a necessidade de distinguir entre a estrutura e o modelo teórico construído para representá-la. O modelo é um instrumento científico graças ao qual a estrutura pode ser deduzida mais facilmente. É um esquema teórico, uma simplificação da realidade, que representa analogicamente um fenômeno dado, o qual tem tantos parâmetros que é extremamente difícil dominá-lo teoricamente de maneira direta. Um grupo de fenômenos pode, portanto, ser descrito e explicado por muitos modelos. (84)

O primeiro momento da análise estrutural é, pois, o que Lévi-Strauss denomina de observação dos fatos e elaboração dos modelos. O segundo é a experimentação sobre os modelos, que permite saber como um modelo dado reage às modificações, comparando assim a eficácia dos diferentes modelos. Conforme Lévi-Strauss "o melhor será sempre o modelo

verdadeiro, quer dizer, o que sendo mais simples, responde à dupla condição de não usar mais que os fatos considerados e dar conta de todos" (72). Este modelo verdadeiro e abstrato representa a estrutura real e subjacente do sistema, isto é, seu princípio explicativo e a razão oculta de sua singularidade.

De acordo com Jean Pouillon, em "Uma tentativa de definição" (78): "o método estrutural consiste em reconhecer entre os conjuntos organizados que são comparados, precisamente para verificar a hipótese, diferenças que não sejam alteridades puras, mas que indiquem a relação comum segundo a qual elas se definem. Em seguida, sobre o eixo (ou eixos) semântico (s) assim evidenciado, ordenam essas diferenças de tal maneira, que os conjuntos considerados apareçam como variantes uns dos outros e o conjunto destes conjuntos como uma combinatória". As diferenças são explicadas por variáveis que não se refiram a outra variante mais que à sua regra de variabilidade, isto é, à estrutura. Esta é a sintaxe das transformações que fazem passar de uma variante à outra, dando conta de um número limitado. "... Tais casos, e não tais outros, realizam-se em função de regras estruturais de sua coexistência ou de sua sucessão" (78). Não há, portanto, um "tipo ideal" privilegiado de configuração a partir do qual se realizam as transformações. O tipo reagrupa organizações que obedecem a uma mesma sintaxe, isto é, variantes diferentes, não exemplares semelhantes. Daí ao se

tratar de definir uma estrutura, a necessidade de situar-se ao nível da gramática e da sintaxe e não ao da língua falada. A estrutura ultrapassa a organização, ao torná-la uma variante cuja transformação explica. É a um tempo a organização que a análise descobre (uma realidade) e a lei de sua variabilidade (um instrumento intelectual).

2. *Os dois adjetivos: "structurel" e "structural".*

A problemática estruturalista atual só poderá ser esclarecida na medida em que compreendermos o dualismo resultante da análise da palavra estrutura. Segundo Pouillon este dualismo não é de modo algum uma ambiguidade, pelo fato de existirem em francês os dois adjetivos "structurel" e "structural", aos quais Eduardo Prado Coelho (79) chama estrutura I ou estrutura real (o que não serve para definir qualquer "estruturalismo") e estrutura II ou estruturalidade. "Uma relação é "structurelle" quando a considerarmos no seu papel determinante no seio de uma dada organização e a mesma relação é "structurale" quando a tomamos como suscetível de se realizar de várias maneiras diferentes e igualmente determinantes em várias organizações. O primeiro termo nos remete para estrutura como sintaxe enquanto o segundo para estrutura como realidade" (78).

Segundo Eduardo Prado Coelho a estrutura I corresponde a causalidade como eficácia de uma estrutura ausente; que atua como ausência no próprio interior, apenas pelos seus efeitos. Sua forma de presença ou de eficácia (es

truturalidade) é a ausência. É a estrutura como estruturalidade, isto é, como o que atribui um papel ao sujeito pondo-o em cena, sem nunca aparecer na plena evidência dessa cena, que caracteriza o estruturalismo científico (79).

A questão de se as estruturas II correspondem modelos ou níveis de realidade, em Lévi-Strauss, continua aberta, conforme afirma Eduardo Prado Coelho. Cita entretanto Godelier que defende o ponto de vista de que para o etnólogo francês ela também faz parte do real, não existindo apenas no espírito humano, contra uma perspectiva idealista e formalista.

A estrutura, sintaxe das transformações, como a chama Pouillon, permite, portanto, formular todas as variantes teoricamente possíveis (algumas delas não comprovadas empiricamente ou de rara realização), variantes deduzidas logicamente, o que lhes imprime um caráter absoluto. Como observa Lévi-Strauss é a primeira vez que "uma ciência social consegue formular relações necessárias" (72). Desse modo a linguística alcançou o estatuto da ciência rigorosa e de ciência piloto das ciências sociais e humanas.

3. Conclusão.

Foi no campo da antropologia estrutural que a homologia profunda entre o linguístico, o social e o cultural alcançou sua mais expressiva verificação.

Lévi-Strauss depois de haver demonstrado a existência de uma correspondência formal entre as estruturas da língua e as de sistemas tão afastados como os de parentes - co, a cozinha e os mitos, se pergunta se todos estes sistemas não são em realidade a expressão de uma só atividade do espírito humano: o exercício de função simbólica (72).

Podemos dizer que a análise estrutural pretende fundar uma epistemologia positiva (não positivista) que permite apreender as coisas sem dissolver-se nelas. A primeira exigência da operação científica é a distância sujeito - objeto. Para atingir o real é preciso afastar o vivido. Segundo Gaston Granger, "a ciência apreende os objetos construindo sistemas de formas, nomes e linguagens, e não diretamente a partir dos dados sensíveis"... "todo pensamento científico fecundo é precisamente um esforço para construir uma linguagem cuja sintaxe nos possa informar quanto às relações objetivas dos fenômenos" (66). Só a pertinência racional é pertinente, porque o objeto da ciência é racionalizar o dado, quer dizer, o "racional aparente". A análise estrutural, como método científico, busca a formulação de uma teoria sobre um sistema de fatos que serão explicados enquanto totalidade coerente, o que contradiz a impressão de arbitrariedade dada pelas características aparentes do sistema (61).

A validade da análise estrutural depende de sua capacidade de demonstrar que o conjunto de fatos que estuda é, efetivamente, um sistema cuja estrutura revelará as leis de composição e de transformação que o constitui como sistema.

Nas ciências humanas nem todos os campos fenomênicos aparecem igualmente propícios à hipótese da sistematicidade e, portanto, à explicação estrutural. Daí se poder aceitar a distinção de Boudon (61) entre sistemas definidos e indefinidos para designar, respectivamente, os conjuntos cujos elementos limitados são facilmente identificáveis (como por exemplo, a língua, o sistema de parentesco, etc) e os conjuntos constituídos por elementos difíceis de definir e cujo número é indefinido (como por exemplo, os sistemas sociais em geral, objeto da macrosociologia, os produtos artísticos, etc). Boudon afirma que a análise estrutural aplicada aos primeiros pode estabelecer teorias verificáveis, enquanto que aos segundos só pode aspirar à verossimilitude.

A análise estrutural, entretanto, jamais ambicionou a apreensão total das realidades humanas, conforme Lévi Strauss.

O estudo exaustivo de certos níveis limitados manifesta esta prudência metodológica. A tarefa consistirá então em buscar as correlações entre os diferentes níveis estudados, considerando não somente as simetrias ou recorrências, mas também, e sobretudo, as oposições ou desequilíbrios.

brios para compreender a relação que os mantêm.

No momento atual as correlações efetuadas em diversas ordens fenomênicas induzem à hipótese de universalidade das estruturas. Daí a concepção de um espírito permanente cuja atividade invisível seria a causa geradora de todas as estruturas.

Para finalizar nos referiremos à definição de estrutura dada por Boudon, a qual só pode ser compreendida no interior de uma linguagem metacientífica, segundo o próprio Boudon. São as seguintes as fórmulas de definição nos seus dois momentos de análise (fórmula A) e de síntese (fórmula B).

$$(A) \quad (Df) \quad str: \quad A \quad Str \quad (S) \quad \overset{C}{\rightarrow} \quad App \quad (s)$$

$$(B) \quad \quad \quad \quad \quad A \quad App \quad (S) \quad \overset{C}{\rightarrow} \quad Str \quad (S)$$

em que S é o sistema, A a xiomática, App o conjunto de características aparentes do sistema, e $\overset{C}{\rightarrow}$ o cálculo lógico da possibilidade dedutiva.

Segundo Horus Vital Brasil, "partindo de uma formulação estrutural o fenômeno seria considerado emergente (App (S)) colhido nas redes de um esquema conceitual (A Str (S)) (o estruturalismo como método) no momento de análise, e a confirmação da formulação estaria referida ao momento de síntese na reversibilidade da fórmula estrutural". De acordo com o já citado psicanalista "isto levaria" à afirmação

de que o possível discurso científico faria apelo imediato ao método estruturalista já presente em todo estruturalismo linguístico e transposto com êxito como modelo semiológico, para as ciências humanas, principalmente, na obra Etnológica de Lévi-Strauss e na Psicanálise de Jacques Lacan". (89).

PARTE II

ANÁLISE E CARACTERIZAÇÃO DO MODELO LINGUÍSTICO E SUA APLICAÇÃO ÀS CIÊNCIAS HUMANAS

1. *O conceito de estrutura em linguística.*

O princípio da "estrutura" como objeto de estudo ficou estabelecido, segundo Benveniste (60-b), pouco antes de 1930, por um pequeno grupo de linguistas que reagiu contra uma concepção histórica e elementarista da língua. Este movimento teve sua origem nos cursos de Ferdinand de Saussure, ministrados em Genebra. No entanto, o fundador da linguística científica moderna e precursor do Estruturalismo jamais empregou o termo estrutura. Para ele a noção essencial é a de sistema. Em seu Cours Saussure afirma: "A língua é um sistema que apenas conhece sua ordem própria". Não devemos contudo, tomar o termo sistema como sinônimo de estrutura. "Em verdade a língua é um sistema de estruturas situadas em diferentes níveis em correlação mútua, é certo, e formando entre elas uma configuração superior" (76). A noção de sistema é portanto mais geral e menos precisa que a noção de estrutura. Saussure, ainda nos fala da prioridade do sistema sobre os elementos que o compõem: "é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de um certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema de que faz parte; seria crer que se pode começar pelos termos e construir o sistema somando-os; pelo contrário, deve-se partir do todo solidário para obter, por

análise, os elementos que ele engloba". Nesta última frase está, em princípio, toda a essência da concepção "estrutural" de acordo com Benveniste.

Além da noção da língua como sistema outros dois princípios Saussureanos, conforme Benveniste, também vieram a indicar os fundamentos da doutrina que, algum tempo mais tarde, iria evidenciar a estrutura dos sistemas linguísticos: A língua (langue) como forma e as unidades da língua definidas considerando-se suas relações.

Jakobson, Karcevsky e Troubetzkoy expressam pela primeira vez esta doutrina nas exposições enviadas ao Primeiro Congresso Internacional de Linguistas, em 1928, com a finalidade de estudar os sistemas dos fonemas. Em 1929, no Primeiro Congresso de Filólogos Eslavos, num manifesto anônimo inspirado principalmente pelos já referidos linguistas russos, surge o termo estrutura. A noção de estrutura está estritamente ligada a de relação no interior do sistema. Designa a dependência recíproca de dois ou mais caracteres de uma língua, por exemplo: o *p* de pai e o *m* de mãe estão numa dependência recíproca porque estas duas consoantes têm de comum o serem bilabiais, mas ao mesmo tempo opõem-se entre si por uma ser surda (*p*) e a outra nasal (*m*). Esta relação (estrutura) permite dois significados distintos (65). Benveniste cita: "deve-se caracterizar o sistema fonológico... especificando obrigatoriamente as relações existentes entre os chamados fonemas, quer dizer, traçando o esquema de es-

estrutura da língua considerada" (85).

As citações acima evidenciam que o termo estrutura se determina como "estrutura de um sistema". Este sentido do termo é retomado mais tarde por Troubetzkoy em um artigo sobre a fonologia: "definir um fonema é indicar seu lugar no sistema fonológico, o que não será possível se não se levar em consideração a estrutura desse sistema... A fonologia, universalista por sua natureza, parte do sistema como de um todo orgânico cuja estrutura estuda" (86). "A fonologia atual caracteriza-se principalmente por seu estruturalismo e por seu universalismo sistemático. A época em que vivemos se caracteriza pela tendência de todas as disciplinas científicas a substituir o atomismo pelo estruturalismo e o individualismo pelo universalismo (bem entendido, no sentido filosófico destes termos)" (86).

Troubetzkoy estabelece uma distinção que será decisiva entre fonética, que estuda o funcionamento fisiológico da pronúncia e fonologia, que estuda as relações de dependência (as estruturas) entre vogais ou entre consoantes. A partir desse momento começa a linguística estrutural, porque as bases da significação foram assentadas.

Hjelmslev redefiniu, em 1944, o campo da linguística estrutural: "entende-se por linguística estrutural um conjunto de investigações baseadas numa hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem como uma entidade essencialmente autônoma de dependências inter-

nas ou, numa palavra, uma estrutura... a análise desta entidade permite separar constantemente as partes que se condicionam reciprocamente, cada uma das quais depende de certas outras e não seriam concebidas nem definíveis sem essas outras partes. Ela reduz seu objeto a uma rede de dependências, ao considerar os fatos linguísticos como função uns dos outros" (67-b).

2. *As quatro dicotomias Saussureanas.*

Saussure idealizou uma ciência geral de todas as línguas (faladas ou não), de todos os sinais sociais e a chamou de semiologia. Ele nos diz que ela nos ensinará em que consistem os sinais e quais as leis que os regem (83).

A linguística seria, portanto, um ramo desta ciência mais geral dos sinais e ao mesmo tempo um modelo, ou "padrão", por ser mais rigorosa.

A análise estrutural instaura no interior de todas as ciências humanas que a aplicam uma verdadeira unidade por analogia dos métodos. Esta unidade provém do padrão "comum": a linguística.

Procuraremos reunir agora as noções fundamentais válidas tanto para a linguística como para as ciências que nela se inspiram. Estas noções apresentam uma dupla significação metodológica e epistemológica, isto é, dizem respeito ao mesmo tempo à "praxis" e à "gnosis". Elas formam um esquema que deverá conduzir as operações científicas e ao

qual poderemos chamar de modelo. Este modelo permitirá realizar aquela intelecção cuja generalização ao campo das ciências do homem, parece-nos hoje, uma das vias possíveis em sua busca de cientificidade.

Segundo Lepschy, (71) foram pontos particulares do Cours de Saussure tomados isoladamente do contexto do pensamento saussureano que serviram como fundamento de elaborações, cujo objetivo era muito diferente daquele do Cours. Os principais entre estes pontos são: a distinção entre sincronia e diacronia, língua e fala, e a noção de língua como sistema e, no mesmo plano a noção de entidade linguística não positiva, mas puramente diferencial e negativa.

Abordaremos então as noções contidas nas quatro dicotomias que Saussure distingue em seu Cours: língua-fala, significante-significado, sintagma-paradigma (sistema) e sincronia-diacronia.

Língua-fala - A língua é um sistema de signos de caráter social e formal, não se encontrando nela senão diferenças em termos positivos. "O que distingue o signo é aquilo que o constitui" (83). A língua é externa ao indivíduo que não pode criá-la nem modificá-la.

Ela opõe-se à fala que é a individualização psicofisiológica do ato linguístico em dado momento (o manifesto). Esta só é possível na medida em que não temos consciência da língua (estrutura). A língua é inconsciente em relação à fala, é a configuração subjacente que permite sua

realização. A presença da fala, é determinada pela ausência da língua como imanência, que neste sentido, também é presença. Língua e fala não se opõem como dois aspectos ir redutíveis da linguagem, mas ao contrário, mantêm entre si relações de compreensão recíproca.

A dicotomia língua-fala corresponde em Hjelmslev à divisão esquema-uso e em Jakobson código-mensagem.

Significante-significado - Cada signo apresenta um aspecto duplo em sua constituição: um conceito que se une a uma imagem acústica (suporte material), isto é, um sig nificado e um significante. Revelam duas características : linearidade do significante e a arbitrariedade. Os signos são unidades delimitadas, isto é, que se opõem umas às outras no mecanismo da língua. Seus valores são relativos aos sistemas de que fazem parte, sendo isto válido para o signo em sua totalidade ou para o significado ou significante. O significante é constituído pelas vibrações sonoras produzidas pelo aparelho fonador (do lado do emissor) e pelas sensações auditivas captadas pelo ouvido (do lado do receptor). Mas como observa Eduardo Prado Coelho ele é "sobretudo a realidade psicológica, a imagem auditiva e motriz dos sons produzidos e dos movimentos que é preciso realizar para os produzir. E não devemos esquecer que o significante não é apenas a imagem auditiva e motriz (a representação gráfica e os movimentos necessários para a produzir). Quanto ao significado, não é apenas um conceito, mas uma representa -

ção mental que pode apresentar aspectos mais diversos" (79).

O significante situa-se no plano da expressão en quanto que o significado no plano do conteúdo (Hjelmslev) . (67-a).

No signo a relação entre significante e significado é contratual, diferentemente do símbolo que comporta uma relação natural e motivacional entre o significante e o significado. No signo eles têm a mesma extensão (por contrato), no símbolo o significado pela sua riqueza múltipla ultrapassa o significante.

Saussure ao se referir à relação de significação entre significante e significado emprega a seguinte comparação: o signo é uma folha de papel, se a contarmos, cortarmos ao mesmo tempo o direito (significante) e o avesso (significado).

Sintagma-paradigma - As relações entre os signos podem ser sintagmáticas, relações em presença de termos antecedentes e consequentes com os quais o termo em questão contrasta e paradigmáticas, relações em ausência dos termos aos quais o termo próprio que aparece no discurso se opõe e com os quais tem algo em comum por semelhança ou por diferença. Estas últimas constituem uma espécie de "mnemônica virtual". O eixo das palavras possíveis é o paradigma ou sistema (associação, ausência, metáfora). O eixo das palavras reais é o sintagma (extensão, presença, metonímia). Exemplos: sintagma - a mula transporta lenha; paradigma - mu

la/burro/cavalo/boi. Para obter as unidades do sintagma, é necessário executar a operação da decomposição e para as do sistema inventar a da classificação. Decomponho a frase: A mula transporta lenha, e classifico mula por oposição a cavalo, burro, boi... (65)

Sincronia-diacronia - Esta dicotomia difere das anteriores na medida em que seus termos não são correlatos, isto é, possuem uma relação assimétrica, na qual a sincronia tem prioridade lógica. Enquanto o estudo sincrônico pode (e, segundo muitos, deve) realizar-se prescindindo completamente do estudo diacrônico, este pressupõe o sincrônico: a diacronia é estudada como transformação de um estado da língua em outro. As ciências aplicadas e em particular a moderna teoria dos sistemas, não ignoram (com a noção de modelos em parâmetros lentamente variáveis) a oportunidade de formular leis sincrônicas para fenômenos nos quais certos parâmetros estão em modificação contínua (71).

O eixo das simultaneidades é a sincronia, onde são analisadas as relações existentes entre coisas coexistentes independentemente do fator tempo. Este eixo pode ser dinâmico mas nunca histórico (79). Entretanto "a sincronia não é um ponto de vista nem atemporal e nem anti-histórico, porque só se obtém a partir do tempo. Um estado de língua implica no reconhecimento de um antes e de um depois. O que se nega não é a existência dos estados anteriores ou a possibilidade dos futuros, mas sua pertinência como elemento de

descrição do sistema relacional cujo estado se analisa. O estudo sincrônico dos termos de um sistema é então a análise de sua posição relacional em determinado momento histórico. Definir um termo sincronicamente nos obriga a prescindir de sua temporalidade, de sua origem, de sua permanência, de sua evolução. A descrição sincrônica é a descrição de uma unidade de relação, de uma diferença" (76).

O sistema considerado em si mesmo antes e fora de sua realização, é uma entidade de natureza acrônica. A perspectiva sincrônica dá conta de um estado do sistema, da situação da entidade acrônica em um momento determinado de sua realização.

O eixo das sucessividades é a diacronia, onde são analisadas ao longo da história, as transformações que se verificam nas coisas que se encontram no eixo das simultaneidades.

"Um fato diacrônico é um acontecimento que tem sua razão de ser em si mesmo; as consequências sincrônicas particulares que possam deduzir-se são completamente alheias aquele" (83).

A mudança linguística se produz sempre no nível do falar concreto. O que os falantes modificam não é o sistema como tal, mas um de seus elementos constitutivos. A mudança na realização concreta se move dentro dos limites permitidos pelo estado contemporâneo da língua. Falar é a rea

lização assistemática e contingente da função do sistema.

A sincronia enquanto análise de uma sistematicidade é inaplicável aos fatos da fala, que são por definição assistemáticos. Só a diacronia pode apreendê-los em seu dinamismo e sua irreversibilidade temporal.

A perspectiva acrônica do sistema semiológico (enquanto instrumento virtual capaz de permitir a atualização de uma certa função) está representada de modo claro no "esquema" de Hjelmslev e dos glossemáticos. "O esquema e sua unidade significante, o cenema, são entidades acrônicas por serem puras formas semiológicas (sem substância) das que todas as línguas naturais ou artificiais são manifestações possíveis. Neste sentido se compreende a afirmação de Lévi-Strauss de que o sistema é reversível temporalmente.

Atualmente, graças à obra do Cours, não se trata mais de afirmar a validade de uma descrição simplesmente sincrônica, o que se discute é a possibilidade de uma linguística diacrônica científica, "procura-se saber se o estudo diacrônico é necessariamente limitado a fatos isolados individuais e se se refaz necessariamente, na fala ou, se não podemos ter ao contrário, uma diacronia estrutural que possa retirar da comparação das descrições (sincrônicas) de estados linguísticos diferentes, sucessivos no tempo, a história do sistema linguístico. Confirmando a fecundidade desta segunda posição temos um filão da pesquisa moderna representada de maneira eminente, por A. Martinet" (71).

3. Denotação/conotação e linguagem-objeto/metalinguagem.

Segundo a orientação de Roland Barthes (58) acrescentaremos às dicotomias de Saussure já apresentadas, as relações de denotação e de conotação, linguagem-objeto e metalinguagem: consideradas por este autor como elementos fundamentais válidos tanto para a linguística como para as ciências que a tomam como modelo.

Denotação e conotação - Esta distinção assumiu uma grande importância para os analistas estruturais dos sistemas de comunicação, sobretudo a partir dos trabalhos de Barthes e de Greimas. A denotação é a linguagem de base (o sentido literal ou exegese) ou linguagem primeira e a conotação a linguagem "decorativa" ou linguagem segunda. Esta última traz em sobre-impressão ou em filigrana, por modo de alusão ou implicação, mensagens que não aparecem à primeira vista pelo sentido literal, podendo ser decorativa, metafórica, irônica, etc. (Lepargneur). A conotação transmite na prática quotidiana, grandes cargas afetivas ou não, conscientes, semi-conscientes ou inconscientes, que afetam profundamente as relações humanas. É de fundamental importância na irradiação da ideologia de uma pessoa ou de um grupo, através de seus meios de comunicação. Greimas e Barthes a chamam de mítica enquanto que a denotação é de ordem prática.

Fages retomando o algoritmo de Saussure $\frac{se}{so} - \frac{sig-}{sig-}$ nificante, nos diz que o signo da base (denotação) vai for-
nificado
mar um todo, um novo significante em relação a uma segunda
significação que por sua vez se situa no nível da conotação.

Se		So
Se	So	

Por este esquema verificamos que a linguagem se
gunda da conotação é um amplo derivado, "desprendido" em re
lação à primeira linguagem de denotação (65).

Linguagem-objeto e metalinguagem - A crítica a
uma linguagem (primeira ou segunda) de uso corrente ou a
preocupação em torná-la mais exata, reflete uma atitude ob-
jetiva do homem frente à linguagem, no sentido de superar
suas deficiências. Esta prática consiste numa operação da
chamada metalinguagem. A linguagem primeira (denotação) ou
a linguagem segunda (conotação) tornam-se então linguagem -
objeto.

"Inevitavelmente chegará um dia em que a análise
estrutural passará para a categoria de linguagem-objeto e
será compreendida num sistema superior que, por sua vez, a
explicará... Existe aí uma necessidade que o estruturalismo
tenta precisamente compreender, ou seja falar: o semiólogo
é aquele que exprime a sua futura morte nos próprios termos
em que nomeou e compreendeu o mundo" (58).

Enquanto a semiologia, num sentido mais restrito, ciência do significante, foi objeto de todas as atenções, a semântica ciência do significado sofreu um certo abandono. Atualmente graças aos trabalhos de Greimas, este atraso está sendo compensado. A realização e o desenvolvimento de uma semântica segundo os métodos estruturais, contribui para dissociar o estruturalismo do formalismo. A confusão entre formalismo e estruturalismo surge do fato de alguns espíritos acusarem a análise estrutural de dirigir sua atenção para as formas significantes em prejuízo dos conteúdos significados. Lévi-Strauss¹ entretanto responde a esta questão, afastando-se do formalista russo Vladimir Propp: "O estruturalismo recusa-se a opor o concreto ao abstrato e a reconhecer ao segundo um valor privilegiado... A forma define-se por oposição a uma matéria que lhe é estranha; mas a estrutura não tem conteúdo distinto; ela é o conteúdo apreendido numa organização lógica concebida como uma propriedade" (65).

Saussure, também quando compara o signo com uma folha de papel cujo recorte do direito (significante) e do avesso (significado) é simultâneo. Dáí, o significado (conteúdo) ser suscetível de uma análise científica com o mesmo

¹ Lévi-Strauss, C. - "La structure et la forme, réflexions sur un ouvrage de Vladimir Propp", Cahiers de l'Institut de Science économique appliquée, março 1960, p. 25, citado por Fages, em para entender o estruturalismo.

grau que o significante (a forma). Há, portanto, uma analogia, uma afinidade de métodos entre a semiologia e a semântica, o que não quer dizer, que o estudo do significado seria apenas o reverso do estudo do significante. Segundo Greimas² "A análise dos dois planos deve ser conduzida ainda que segundo os mesmos métodos, separadamente... . A posição do significado e do significante, uma vez realizada na comunicação, é destinada a ser anulada a partir do instante em que se quer fazer progredir um pouco a análise de um ou outro plano da linguagem. O que é preciso reter disto é a possibilidade e a necessidade de nos servirmos do significado para o estudo do significante e do significante para o estudo do significado" (65).

4. *As principais regras do modelo linguístico.*

Vamos focalizar agora as principais regras do modelo linguístico, que vão permitir a passagem dos modelos às aplicações (segundo Fages).

A da imanência - Princípio segundo o qual a análise se mantém no plano próprio da língua (Saussure linguística interna), independentemente de qualquer inferência ao usuário e de qualquer referência à "realidade".

A da pertinência - Princípio pelo qual um traço, um termo permite ou suporta a significação (ponto de vista da linguística). A análise estrutural caracteriza a esco -

² Greimas - *Sémantique structurale*, p.31, citado por Fages.

lha de desvios diferenciais que constituem as articulações do sistema, em virtude, de suas próprias diferenças, e que permitem as combinações do sintagma.

A da comutação - Consiste em introduzir artificialmente um termo no discurso para verificar as variações de sentido. Produz-se uma mudança no significante para estudar se esta mudança conduz a outra equivalente no significado. Num primeiro nível, permite destacar as unidades distintas e num segundo nível, as unidades significativas.

A da compatibilidade/incompatibilidade - Esta regra está em grande parte incluída na precedente, na medida em que esta evidencia a validade de uma combinação de termos, ela fornece entretanto novas precisões, permitindo distinguir e separar o que provém do sistema de oposições e o que provém do sintagma. A compatibilidade consiste na capacidade de dois ou mais termos se introduzirem no mesmo sintagma.

A da integração - Consiste na inserção de diversos termos num plano superior de significação. O problema que se coloca aqui é o da integração da frase no conjunto do discurso, isto é uma objeção feita à análise estrutural e que denuncia uma dificuldade real reconhecida pelos linguistas como René Ricoeur e Émile Benveniste. "A frase, criação indefinida, variedade com limite, é a própria vida da linguagem em ação. Concluimos daí que com o domínio da frase, se sai do domínio da língua como sistema de signos e se

entra num outro universo que é o da língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso." (60a)

Este obstáculo apontado impediu durante muito tempo que se investigasse uma estruturação além da frase. - Greimas em uns estudos sobre a coerência ou isotopia dos níveis do discurso, abriu novos caminhos. Também as tentativas da gramática gerativa em relação à regulamentação do dinamismo das frases.

As da variação diacrônica - O fato da análise estrutural ter começado por estudar as relações simultâneas sincrônicas e durante muito tempo ter-se mantido neste nível suscitou-lhe grandes objeções e um grave desconhecimento. As objeções estão baseadas no sentido da história e sugerem questões filosóficas. O desconhecimento refere-se a um aspecto do programa que Saussure traçou para a linguística. Ele nos diz que todas as partes da língua estão submetidas à mudança, correspondendo cada período a uma evolução mais ou menos considerável e esta podendo variar sem que o próprio princípio seja afetado. (83)

Segundo Jean Pouillon: "É inútil sair das análises estruturais para descrever o dinamismo que impede as coisas de continuarem sempre no mesmo estado. Se de resto, elas jamais se modificassem, o estruturalismo não teria razão de ser: o seu fim é dar conta das variações, a mudança é um modo particular de variação, não pode portanto desmentir o estruturalismo. Este, na verdade, começou por estudar

a organização sincrônica e os sistemas fechados, mas a sua história mostra que seria estulto condená-lo a isso" (78).

O tempo para a análise estrutural não reveste uma função privilegiada e quando se fala de diacronia, em vez de "história", é para afirmar que os desvios sucessivos podem ser estudados da mesma forma que os desvios no espaço, ou que as transformações obedecem a regras que se prestam a uma análise estrutural.

As regras de funcionamento - Jakobson pela análise imanente da linguagem descobre e sistematiza as regras de funcionamento.

CONTEXTO
(função referencial)

MENSAGEM
(função poética)

CONTATO
(função fática)

CÓDIGO
(função metalinguística)

RECEPTOR
(função conativa)

EMISSOR
(função expressiva)

este é o esquema das seis funções.

Para não nos alongarmos deixaremos de nos referir ao significado de cada uma destas funções especificamente. Chamaremos a atenção apenas para a função referencial que se vincula a um contexto percebido ou imaginado, ao qual

se possam referir emissor e receptor. Isto porque se trata de um dos pontos mais delicados da análise estrutural. Saussure nos diz, que há uma arbitrariedade na ligação que une o significante ao significado. Ora, o que é arbitrário, conforme Benveniste várias vezes precisou, é a relação entre determinado significante e determinada coisa ou elemento da realidade. A linguagem total não é questionada enquanto expressão da realidade, seja esta percebida, onírica, surreal ou espiritual.

A análise estrutural não se pronuncia sobre a linguagem afetiva do mundo (percepção, surreal ou espiritual), ela estuda o que na linguagem é referência ao mundo. No plano do significante não encontramos nenhuma referência, excetuando o caso das onomatopéias (e as onomatopéias variam de um país para outro). É no plano do significado que se situa quase completamente a função de referência, é por excelência o simulacro da realidade. Daí todos os problemas de desvio para um certo tipo de realidade (realismo ou ficção), terem de ser estudados no plano do significado, de denotação (linguagem primeira prática) ou de conotação (linguagem segunda, retórica ou ideológica).

5. A posição da linguística no quadro das ciências humanas.

Segundo o artigo de Aluizio Ramos Trinta³ que consiste numa análise da obra de Émile Benveniste intitula-

³ Ramos Trinta, A. - "Linguística e ciências humanas", em Tempo Brasileiro, 2a. edição, revista e ampliada, nº 15/16.

da Problèmes de Linguistique Générale, não poderemos deixar de nos referir conforme o citado artigo, às principais contribuições de Benveniste relativamente ao conceito e à posição da linguística no quadro das ciências humanas (60a).

A linguística moderna não é uma ciência descritiva de fatos empíricos, mas uma ciência que se aplica a fatos informados pela significação - "uma ciência de relações e deduções". Se um fato cultural constituir um signo (isto é, um sinal que se substitui a uma outra coisa), sua descrição e explicação de seu funcionamento, realizadas em função do quadro semiológico amplo em que está colocado, poderiam fundar-se em um modelo fornecido por estudos sistemáticos da característica básica do signo linguístico. A prova disto são as conquistas atuais obtidas pela antropologia e pela psicanálise na tentativa de alcançar o estatuto de ciência. Seus sucessivos estágios de evolução decorrem do fato de se beneficiarem dos métodos de descrição interna e da classificação funcional da linguística. Estes resultados foram alcançados em virtude de se ter produzido, sob uma perspectiva estritamente semiológica, uma reavaliação dos campos de estudo da antropologia e da psicanálise, que se baseia na modalidade de discurso de que se ocupa.

Benveniste dá à significação um lugar importante na pesquisa linguística, quando considera que o linguista não deve desqualificar o sentido para reter somente traços formais, - é o sentido uma condição essencial para a efeti-

vação de toda a análise linguística. Daí afirmar: "todo o trabalho do linguista se refere, efetivamente, ao discurso assimilado implicitamente à língua".

Uma consequência prática desta premissa teórica pode ser apresentada através do exemplo citado por Benveniste: uma classe de palavras os indicadores (eu, este, aqui e agora), cuja existência plena só se dá no momento de sua atualização pelo discurso. Do contrário, são signos esvaziados de todo conteúdo.

Para Benveniste é fundamental, portanto, a distinção entre língua e discurso. O discurso "é a língua assumida pelo falante", quer dizer, às possibilidades expressivas da língua somam-se as características do homem que fala, e num dado momento. Há "a linguagem como sistema de signos" e "a linguagem como exercício pelo indivíduo". O discurso como instrumento da comunicação humana promove o intercâmbio de várias áreas do conhecimento humano. Relativamente à passagem da língua ao discurso Benveniste nos diz: é a existência da linguagem criando um conjunto de signos "vazios", não referenciais em relação à "realidade", sempre disponíveis, e que se tornam "plenos" a partir do momento em que um locutor passa a assumí-los em cada uma das instâncias do seu discurso (60 a).

Entre a linguística da langue e a linguística da parole, distinção feita com base na dicotomia de Saussure, os linguistas realizam suas opções. Benveniste considera

estas duas categorias internas da atividade linguística como dois universos diferentes: "há de um lado a língua, conjunto de signos formais postos em evidência por meio de processos rigorosos grupados em classes, combinados em estruturas e em sistemas e de outro, a manifestação da língua na comunicação viva" (60 a).

Benveniste aponta que alguns linguistas, por uma confusão metodológica, pensaram que todos os fatos encontrados no discurso constituíam obrigatoriamente fatos da língua. Uma tal perspectiva, segundo ele, estudaria somente as formas e não as funções. Do ponto de vista da língua distingue forma e função. Sob este aspecto a língua apresentaria dois níveis: um nível superficial constituído por formas patentes e um nível profundo formado por uma estrutura responsável pela organização e distribuição das funções subjacentes às formas. É a estrutura que possibilita as formas que são elementos manifestos. E é o sistema de relações formais que constitui a língua, que permite a definição e explicação adequadas das funções, quando elas nele são inscritas. Daí o valor das noções de estrutura e função para a análise linguística.

Relativamente ao conceito de estrutura, já nos referimos bastante a ele em uma outra parte deste trabalho.

Segundo Benveniste, o método estrutural não é utilizado somente para a realização de análises, como pode parecer, mas também para fins de reconstrução linguística,

Exemplifica apontando o aparecimento das formas do pretérito perfeito regidas pelo verbo *ter* em germânico.

Como ciência das línguas, a linguística aperfeiçoou seus métodos em uma troca com as ciências matemáticas e dedutivas, que lhe permitiram efetuar uma definição pormenorizada dos fatos linguísticos.

Como ciência da linguagem, a linguística se tem aproximado das ciências humanas, cujo objeto é a atividade social do homem, pela existência de uma base comum latente. E esta base será revelada, de acordo com Benveniste, pelo questionamento constante sobre o papel da linguagem na existência individual e social do homem. Daí a linguística não poder prescindir de um confronto com a psicologia e a psicanálise, com a sociologia e a etnologia, com a neurologia e a psiquiatria, envolvendo a filosofia e a história.

O objeto das ciências naturais "é simples", suas propriedades dependem apenas dele, enquanto o das ciências humanas é "duplo", pois cada fato vale unicamente pela significação que lhe é atribuída e que é distinta do próprio objeto. E continua Tzvetan Todorov⁴: "os fatos dependentes das ciências humanas não existem senão em uma relação que apresenta uma importância constitutiva. E pelo fato de esta relação questionar a significação do objeto ela impli-

⁴ Todorov, T. - "La Linguistique, science de l'homme", em *Critique*, nº 231/232, setembro de 1966, citado por Aluizio Ramos Trinta.

ca também o sistema de interpretação, a perspectiva segundo a qual a descrevemos". Esta temática se apresenta sistematizada na obra de Gilles Gaston Granger, *Pénse Formelle et Sciences de L'Homme*.

Na medida em que o homem não pode ser pensado sem a linguagem, Benveniste nos diz que "a linguagem nos ensina a definição mesma do homem". Este posicionamento que questiona o problema da origem da linguagem, faz com que Benveniste o formule invertendo os termos: o homem não criou a linguagem, foi a linguagem que criou o homem.

Ainda Tzvetan Todorov⁵ conceituando a obra de Benveniste anota que "a razão da importância da linguagem é dupla, por um lado, toda a atividade social reatualiza a produção de um certo tipo de discurso; por outro, a estrutura interna de cada uma dessas atividades (humanas) é organizada à configuração das estruturas da linguagem".

A investigação e elaboração linguísticas de Benveniste a Hjelmslev ou a Chomsky remodelam totalmente o estatuto do sujeito da ciência. O estruturalismo constrói uma ciência sem subjetividade, filiada a uma filosofia do conceito, que hostiliza tudo o que se relacione a uma absolutização da consciência ou da existência. A "morte do homem" que se compraz em anunciar Foucault, não é mais do que a morte do mito subjetivista do homem. Segundo Granger, do ponto de vista epistemológico: "a consciência tem por corre

⁵ Em *Critique*, nº 231/232, já citado.

lação uma essência e por qualidade a evidência. O conceito é a sistematização dos atos operatórios, tendo por correlação uma estrutura explícita, e por qualidade a coerência. A consciência designa o modo de experiência centrado no ego, o conceito designa igualmente o modo de experiência, mas descentrado, ou organizado e aberto a uma hierarquia possível de evidência". (79)

A reflexão linguística demonstra-nos pelo que nos foi dito que o homem não fala, é falado, na medida em que é a linguagem que o produz. Neste caso a preocupação que inicialmente era com o eu da linguagem, se desloca gradativamente para a linguagem como ser.

Lacan valorizou no inconsciente pensado como linguagem, a interseção do discurso manifesto com o discurso recalçado que ele substitui. O sujeito enfermo não elege nem programa seu sintoma, este aparece, inesperado e impensado no discurso da enfermidade.

O inconsciente a partir de Freud, afirma Lacan "é uma cadeia de significantes que se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação que ele informa" (77).

Ainda Lacan nos diz: "existe um formalismo que domina os comportamentos humanos e se realiza nestes sem que eles o saibam" (5). Não é o homem que constitui a ordem, mas é a ordem que o constitui: a ordem simbólica do inconsciente, cuja consistência não se encontra em conteúdos, mas

em formas significantes vazias. A linguagem é uma forma, não encerra substância alguma.

"O discurso ideológico aparece justamente como o discurso recalçado, do qual o pensamento se libera no processo de fundação de uma ciência, ou inversamente, como o discurso recalcante, nos momentos críticos em que ele ressurge no interior do novo discurso retendo, como um obstáculo ainda não superado o momento de sua elaboração criadora" (77).

Não há identificação entre o sujeito que escreve o texto e o sujeito do texto. Daí o texto não ter que traduzir a verdade do autor, mas ter que produzir sua própria verdade, isto é, a verdade que o autor pretende que nele se produza e que antecipadamente ignora.

"Na análise sistêmica do discurso o significante não é mero suporte material destituído de sentido, mas carregado de carga semântica, seu significado é diferente do expresso na medida em que é o não dito. A linguagem é imposta como produto da articulação interna (sintagmática - paradigmática) ao alcance da linguística e das articulações externas eixo que ultrapassa a linguística (linguagem e não linguagem). Este eixo de dimensão externa só pode ser pensado se admitirmos que o inconsciente fala em linguagem, uma segunda linguagem, que precisa ser construída dedutivamente" (63).

6. Conclusão

Os filósofos da ciência têm voltado sua atenção ultimamente para os problemas de modelos e teorias, desde que de um modo geral, concordam com a natureza formal da teoria e com o ideal do método hipotético dedutivo. Entretanto não se verifica um acordo no que concerne à natureza de um modelo.⁶

Podemos distinguir primeiro entre modelo e coisa modelada. Alguns modelos contudo são muito semelhantes à coisa modelada, enquanto outros são inteiramente diferentes dela no que uns ou outros são fictícios ou logicamente abstratos. Quando um modelo cessa de ser um modelo? Num extremo, quando ele converge sobre o objeto da própria teoria, podendo tornar-se uma "verdadeira" descrição daquele objeto. No outro extremo o tratamento abstrato de um modelo pode transformá-lo num cálculo, de tal modo que o ponto de diferenciação entre um cálculo e um modelo parece dissolver-se?

À pergunta, são os modelos indispensáveis? Poderemos obter respostas contraditórias por parte dos vários teóricos. "Sim"! Dizem Campbell, Hesse, Supes. "Não"! Dizem Duhem, Braithwaite. "Úteis"! Dizem Black e Nagel. Mesmo quando estes teóricos concordam eles dão suas respostas por diferentes razões.⁸

⁶ Models in Psychology and the philosophy of science.

⁷ Idem

⁸ Idem

O termo modelo não é por sua vez unívoco. Ele é frequentemente usado de modo vago "para apontar qualquer teoria científica baseada em estilo simbólico, de postulado ou formal. Creio, porém, que o vocábulo se aplica mais adequadamente em relação ao último desses estilos ou quando muito aos dois últimos".⁹

Kaplan distingue cinco diferentes sentidos no emprego do termo modelo:

1. qualquer teoria formulada que apresente algum grau de exatidão matemática e rigor lógico;
2. um modelo semântico que apresente um análogo conceitual a um objeto;
3. um modelo físico, um sistema-não linguístico análogo a algum outro que esteja em estudo;
4. um modelo formal, um modelo de uma teoria que a apresente simplesmente como estrutura de símbolos não-interpretados;
5. um modelo interpretativo fornecendo uma interpretação para uma teoria formal.¹⁰

Outro autor admite a distinção entre modelos formais e modelos estruturais. A questão da classificação dos modelos é controversa, variando também de autor para autor. A noção de modelo é entretanto importante em linguística estrutural, devendo ser explicitamente aprofundada. Em várias ciências nós nos utilizamos de modelos matemáticos, nos quais o andamento de determinados fenômenos é represen-

⁹ Kaplan, A. - A conduta na pesquisa, Herder, 1969.

¹⁰ Idem

tado por certas equações ou por modelos físicos. Nestes por sua vez determinadas relações vêm reproduzidas, sob escalões diferentes e com meios diversos, em laboratório. Hoje ambos estes valores entram em jogo na linguística: o primeiro trata, por exemplo, de representar em determinadas fórmulas o funcionamento sintático de uma língua; o segundo trata, por exemplo, de construir num laboratório um modelo do falante ou do ouvinte, um autômato (usado no emprego dos computadores eletrônicos) capaz de imitar sob certos aspectos, o comportamento do praticante humano de uma língua, aí nos encontramos no âmbito da chamada cibernética (71).

O que nos interessa contudo focalizar é o uso heurístico dos modelos na descrição dos fatos linguísticos (seja ele destinado ou não a ulteriores elaborações de um modelo). O recurso a um modelo fundamenta-se na instituição de uma analogia entre o modelo e alguns aspectos do fenómeno a ser descrito. Na abstração, portanto, de tais aspectos considerados pertinentes, de outros não pertinentes. Os pertinentes são sempre selecionados entre aqueles comuns a categorias interiores de fatos linguísticos. Qualquer aspecto que não seja analisável é próprio a um só fato linguístico, é por si mesmo não pertinente. A descrição linguística estrutural, é portanto, caracterizada por sua abstração e por sua generalidade e se opõe à busca do concreto e do particular, que grande parte da linguística tradicional coloca como seu objetivo específico. A forma de obtenção do conheci-

mento científico só fica clara, conseqüentemente, através da instituição de analogias parciais entre fenômenos diferentes num complexo geral, isto é, por meio da abstração, num fenômeno particular dos elementos nos quais se reconhece a generalidade. Isto não significa negar a individualidade aos fatos linguísticos ou aos fatos históricos, mas sugerir uma via segundo a qual tal originalidade possa ser estudada, em termos de combinações nascidas de elementos pré-existentes, em lugar da criação a partir do nada. Nem se pretende com isto negar a presença de novos elementos, não analisáveis, onde quer estes se apresentem. Não se deve confundir o uso de enunciados novos, ou seja, um fato que faz parte essencial do funcionamento sincrônico de uma língua e que como tal é considerado e explicado como inovação linguística.

Conforme já foi visto em capítulo anterior sobre o método estrutural, Lévi-Strauss ao distinguir entre relações sociais e estrutura social, nos diz que as primeiras constituem a matéria prima empregada para a construção de modelos que, por sua vez, vão permitir a manifestação da segunda. A estrutura é, portanto, apreendida através do modelo. Este é o instrumento científico capaz de tornar mais fácil a dedução da estrutura, daí a necessidade de se distinguir entre a estrutura e o modelo teórico construído para representá-la. O modelo é um esquema teórico, uma simplificação da realidade que representa analogicamente um fenôme-

no dado, o qual tem tantos parâmetros que é extremamente difícil dominá-lo teoricamente de maneira direta. (84)

Devemos também distinguir entre as noções de modelo e diagrama relativamente à estrutura. O modelo é uma simplificação do real em que se lê mais facilmente a estrutura, e o diagrama graças ao qual se representa o modelo refere-se à análise, a seu método, e não a uma realidade particular que ele reproduzisse. (78)

Segundo Gilles-Gaston Granger: "os modelos das ciências humanas parecem ter que ser essencialmente modelos cibernéticos, por oposição aos modelos energéticos tomados das ciências da natureza. Nos primeiros se superpõe ao plano das trocas de energia o plano das transmissões de informação". (66). Acredita Granger, entretanto, que a noção de individuação para modelos deste tipo, começa a aparecer como noção operativa graças ao conceito de redundância. Para isto, contudo, é necessário que não se considerem os modelos como construções isoladas. A autonomia do objeto individual (resíduo mítico de uma filosofia da consciência) a ciência substitui pela oposição entre campo e ponto: o modelo define uma rede de relações cujos nós correspondem ao individual. Mas o sujeito para chegar a ser objeto de ciência, tem que ser pensado como ponto de interseção de linhas de força e também como centro de decisão. Os esquemas de estruturação informacional do campo subministrados pela teoria das comunicações e pela linguística são sem dúvida demasia-

do grosseiros ainda, mas permitem já situar em uma perspectiva nova tanto as concepções gestaltistas como as de Piaget. Desse modo os fatos humanos vividos como individuais, se transpõem em objetos de uma ciência, captados através de modelos cibernéticos de campo que lhes são adequados. (66)

"O problema que coloca à linguística a descoberta do fonema é justamente aquele da pertinência que possui, para o sujeito falante, a distinção que ele faz entre os sons de sua língua logo que dela se serve e as características que estão na base destas distinções. Resolver este problema significa em definitivo dar-se conta da maneira particular como o sujeito conhece os sons de sua língua logo que dela se serve. Ora, colocando este problema e tentando resolvê-lo — a história da fonologia de Praga se confunde com a busca desta solução —, a linguística deu talvez, sem o saber, um passo cujo avanço ultrapassa grandemente seu próprio campo e concerne em geral às disciplinas chamadas "ciências humanas". Tem-se o direito de perguntar, com efeito, se o que caracteriza estas disciplinas e as distinguidas "ciências da natureza" não é o fato de seu objeto ser em todos os casos um modo particular de conhecer um objeto. Se esta hipótese, que implica que toda ciência do homem é em definitivo uma epistemologia e que ela encontra seu objeto em um sujeito que conhece, então o conhecimento vai justamente constituir este objeto, se esta hipótese, então for válida, a linguística, colocando a propósito do fonema um problema

de pertinência, teria colocado pela primeira vez um problema do tipo que deve ser aquele que caracteriza as ciências do homem". (80)

Prieto em "La découverte du phonème" analisa e critica o porque da linguística não chegar a ser ciência mais cedo e oferece a possibilidade de se operar com o qualitativo.

A linguística durante muito tempo admitiu que os traços característicos do fonema dependiam dos modos de pronunciar dos locutores. Os sons eram tomados como absolutamente idênticos, sendo o fonema considerado na base de identidades absolutas, quando na verdade só há identidades relativas. Era presente a ilusão empirista de que o próprio dado oferece a explicação inteligível - limitado^a ao qualitativo e dele abstraída (relação pela semelhança).

A linguística estrutural lança o eixo da diferença. O conhecimento se realiza através do princípio de alteridade. A pertinência, ou seja, os traços característicos do fonema não dependem dos modos de articulação do locutor. O problema agora é encontrar os traços pertinentes da distinção de estruturas. O que interessa ao linguista contemporâneo é a forma e não o conteúdo. As unidades se distinguem pela forma e não pela substância. A língua é forma e "nada mais encontramos nela senão diferenças em termos positivos". (83)

A fonologia busca a pertinência do fonema, seus traços em termos operatórios. A linguística opera o qualitativo através da teoria dos conjuntos. Trata o qualitativo pela qualidade intensiva (todo e parte).

Até então, o problema da ciência humana sempre foi o qualitativo, por ela tratado de modo superficial e a quantificação não o resolvendo porque ultrapassa o empírico. O fato vivido constituía um obstáculo à construção das ciências humanas. Mas atualmente, a partir do modelo linguístico, as ciências humanas e principalmente a psicologia têm recursos para se estruturar como ciências que vão encontrar seu objeto no sujeito que conhece. A apreensão do qualitativo pela estrutura e após as estruturações operacionais - a axiomatização, como o faz a linguística. O sujeito define, caracteriza, limita e constrói o conceito - geração que não é dada empiricamente. O sujeito ao definir diz o que gera - a construção da operação é universal. O homem constrói o objeto das ciências humanas - é produto da ação do sujeito sobre o dado - não é empirismo nem idealismo.

PARTE III

A APLICAÇÃO DO MODELO LINGUÍSTICO À PSICANÁLISE

1. *Introdução.*

A recuperação da cientificidade da psicanálise empreendida por Lacan só se torna possível graças ao desenvolvimento de uma ciência nova – a linguística estrutural, cujos primeiros elementos estão contidos no "Cours" de Saussure.

Tanto Lacan, como Lévi-Strauss, utilizam os modelos linguísticos para informar acerca da luz do significante, quer se trate das estruturas de parentesco, ou do inconsciente psicótico. A importância que ambos dão à estrutura do significante está assinalada em um dos textos mais significativos sobre este assunto – o informe do Congresso de Roma, *Função e campo da palavra e da linguagem*:

"La linguistique peut ici nous servir de guide, puisque c'est là la rôle qu'elle tient en flèche de l'anthropologie contemporaine, et nous ne saurions y rester indifférent.

La forme de mathématisation où s'inscrit la découverte du phonème comme fonction des couples d'opposition formé par le plus petits éléments discriminatifs saisissables de là sémantique nous mène aux fondements même ou la

última doutrina de Freud designa em uma conotação vocálica de a presença e de a ausência, as fontes subjetivas de a função simbólica.

E a redução de toda língua ao grupo de um pequeno número de oposições fonêmicas, iniciando também rigorosa formalização de seus morfemas mais elevados, abre para nós um campo estrito de nosso domínio.

A nós de nós em aparelhar para encontrar nossas incidências, como já, de estar em uma linha paralela, a etnografia em decifrando os mitos segundo a sincronia dos mitos.

Não é sensível que um Lévi-Strauss em sugerindo a implicação das estruturas da língua e de esta parte das leis sociais que regula a aliança e a parentesco conquista já o terreno mesmo onde Freud afirma "o inconsciente?" (Escritos, pp. 284-285).

- O retorno a Freud preconizado por Lacan é como mostra toda sua obra, um regresso ao estudo da função da palavra e do significante no sujeito. Voltar a Freud é retornar a este "campo abandonado", isto é, ao campo da palavra. Escreve Lacan: "Mas parece que, desde Freud, este campo central de nosso domínio está abandonado". (Escritos, p. 224).

A leitura que Lacan fez da obra de Freud só pode ser devidamente avaliada se entendida como um esforço de

recuperação do seu sentido perdido, da originalidade e im-
portância de sua descoberta. Segundo ele, Freud produziu
 uma ciência nova, com objeto próprio e específico - o in-
 consciente e suas formações (o chiste, o ato falho, o sinto-
 ma, os sonhos) - irreduzível a qualquer tipo de explicação
 dado por disciplinas como a biologia, psicologia, economia
 ou a filosofia.

O modo de retornar a Freud para Lacan é permane-
 cer fiel não só a letra, mas sobretudo ao espírito. Este cri-
 tica violentamente a todos que parecem querer permanecer na
 letra de Freud e não ir mais além.

Esclarecer os conceitos da psicanálise com a aju-
 da das ciências que se encontram em seu campo epistemolôgi-
 co, assegurar-lhe um novo questionamento de seus estatutos,
 fazer progredir seus conceitos à luz das demais discipli-
 nas: Tal é a verdadeira fidelidade ao espírito de Freud..
 (36).

2. Principais enfoques do pensamento lacaniano.

A grande descoberta lacaniana foi a de que o in-
 consciente está estruturado como uma linguagem, é um siste-
 ma (estrutura) com seus conteúdos próprios e suas leis de
 funcionamento.

A linguagem do inconsciente é uma cadeia de sig-
 nificantes cuja articulação vai permitir desvendar a verda-

de do sintoma (seu significado). Significante e significado são conceitos de linguística que nos permitem pensar a linguagem simbólica do inconsciente. Significado é o que está explicitado no discurso e o significante só pode ser entendido em relação a outro significante.

Em sua obra a "Interpretação dos Sonhos", Freud estuda as leis do onírico através de dois mecanismos: o deslocamento e a condensação. Lacan faz corresponder estes, respectivamente, à metonímia e à metáfora na linguística. Assim o sonho, o chiste, o ato falho, o sintoma, é que são os significantes do discurso do inconsciente, recalcados no nosso discurso verbal. Diz Lacan, que a partir de Freud, o inconsciente é uma cadeia de significantes que se repete e insiste em interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e a cogitação que ele informa.

Já para Freud tudo dependia da linguagem, mas ele viu-se obrigado a pensar sua descoberta, o inconsciente e suas leis, (tomando emprestados conceitos de outras ciências,) porque a linguística como teoria ainda não se constituía em sua época.

Lacan valoriza a linguagem verbal em detrimento de formas de comunicação não verbais: gestos, mímicas, tremores. A verbalização é uma característica da linguagem humana, o que acentua a diferença em relação à comunicação animal. Assinala Lacan: "On voit que nous ne reculons pas à chercher hors du domaine humain les origines du comportement

symbolique". (5)

Há um formalismo, nos ensina Lacan, que domina os comportamentos humanos e neles se realiza sem que eles o saibam. Não é o homem que constitui a ordem, mas a ordem que o constitui - a ordem simbólica do inconsciente, cuja consistência não se encontra em conteúdos, mas em formas significantes vazias. A linguagem é uma forma, não encerra substância alguma.

O inconsciente (ordem simbólica) opõe-se ao real, a medida que assinala a passagem da existência puramente animal para a existência humana. O homem fala porque o símbolo o fez homem. Esta passagem é realizada sob a Lei da Ordem ou Lei da Cultura e ocorre em dois momentos: 1º o registro do imaginário pré-edipiano, em que a criança vive com a mãe uma relação dual especular; 2º o registro do simbólico, a formação da tríade edipiana, em que aparece um terceiro, o pai, instaurando a ordem simbólica pela imposição da Lei, com a proibição do incesto, e rompendo com a relação dual filho-mãe.

O interdito do Édipo está fundado não em razões morais, mas na necessidade de evitar a promiscuidade total, na qual seria impossível para cada um de nós saber quem era e qual a sua posição com relação ao outro. A criança passa de uma relação imediata e sem distância de sua mãe, a uma relação mediata graças à sua inserção na ordem simbólica da Família. É a instituição familiar quem distingue pais e fi

lhos e lhes dá um nome e um lugar como sujeitos singulares. As relações entre as pessoas passa a ser mediatizada por um símbolo. A existência do mediato é que vai permitir a cada um estabelecer uma distinção nítida entre si e o outro, em reconhecer que dispõe de uma subjetividade e de um significante desta.

A criança assume de modo completo sua personalidade quando adquire o uso pleno da linguagem pela apropriação da categoria gramatical do Je.

O fracasso do Édipo faz com que a criança permaneça na relação dual imediata, privando-a de sua subjetividade e tornando-a incapaz de operar a substituição simbólica inerente à linguagem. É o que caracteriza, segundo Lacan, a psicose e a diferencia da neurose.

Os simbolismos sócio-cultural e da linguagem pré-existem e se impõem com suas estruturas à criança antes de sua entrada neles. Uma vez a criança tendo acesso à ordem simbólica ela é modelada por suas estruturas, isto é, pelo Édipo e pela linguagem. Esta ordem é uma ordem de signos interdependentes, ligados por leis precisas.

O algoritmo de Saussure $\frac{S}{s}$ representa de modo esquemático que o registro dos significantes, por oposição aos significados, só se reúne ao registro dos significados pela mediação do conjunto dos significantes, isto é, pelo conjunto de signos da linguagem.

É o símbolo que acaba por constituir o sujeito, afastando-o cada vez mais do vivido imediato, e substituindo por uma rede de significantes cada vez maior na qual o sujeito se sente aprisionado.

Daí a linguagem se prestar a todos os enganos, ~~des~~ de que não há uma medida comum entre o dito e o vivido, fazendo com que o sujeito no discurso que ele pronuncia sobre ele mesmo se afaste progressivamente da sua essência. Nesta concepção está fundada a concepção de Lacan sobre a neurose.

A compreensão que Lacan nos propõe do sujeito é segundo um esquema de estruturas em gradação. Estas reúnem a distinção tópica freudiana entre consciente, pré-consciente e inconsciente.

Por trás da estrutura consciente e lúcida que cada um tem de si se esconde uma segunda estrutura - a do inconsciente. Esta estrutura consiste numa rede de significantes, que embora distintos e somáveis, só se articulam em categorias e subconjuntos, conforme certas leis precisas de composição. Daí ser a estrutura do inconsciente semelhante a da linguagem em sua dimensão sincrônica.

A linguística nos introduz em uma estrutura degradada do discurso (S/s) nos ensinando uma de suas particularidades, a de ser relativamente autônoma no que diz respeito ao sentido, aos conceitos, às idéias. As palavras em sua composição não nos remetem de maneira direta ao sentido que se desprende da totalidade da frase.

Também a psicanálise nos mostra que as formações do inconsciente se apresentam articuladas em uma linguagem obscura, manifestando em sua composição significante uma heterogeneidade em relação à significação inconsciente.

A metáfora e a metonímia são responsáveis pela relativa autonomia do discurso em relação à significação global. Estas duas figuras de estilo seguem as leis linguísticas: de similaridade do sentido (de um significante que substitui ao outro) na metáfora e de deslocamento do sentido, para a metonímia.

O hermetismo das formações do inconsciente resulta da rede inconsciente de significantes que elas têm como suspensão à sua superfície aparente e que é estruturada segundo as mesmas leis linguísticas.

As ligações complexas dos significantes aparentes com outros significantes inconscientes resultam no hermetismo dos textos que têm acesso à consciência.

3. *O uso dos dados linguísticos por Lacan.*

Como já pudemos constatar nas partes anteriores, a influência da linguística na psicanálise lacaniana é um fato, mas o uso que Lacan faz dos dados linguísticos é, segundo Annika Rifflet-Lemaire, de uma iluminação que lhe é própria e que se impõe ao inconsciente humano, como assunto de que se ocupa (38).

Devido à sua formação de analista Lacan procura extrair da linguística aquilo que lhe permitirá dar explicações, não só mais rigorosas do ponto de vista científico, como também mais ricas do fenômeno humano. Daí sua insistência sobre a autonomia do significante, sobre a resistência da barra do algoritmo saussureano e a assimilação dos processos metafóricos e metonímicos da linguagem respectivamente à condensação e ao deslocamento, mecanismos característicos do funcionamento do inconsciente em suas formações.

Lacan definiu o significante (Congresso de Roma, 1953) (5), como o conjunto dos elementos materiais da linguagem ligados por uma estrutura, sendo ele o suposto material do discurso: "la lettre" ou os sons. O significado é o sentido comum a todos de uma experiência relatada no discurso. No significante da frase, ele não se situa em nenhuma parte, se exteriorizando na globalidade sucessiva dos significantes.

A grande contribuição original de Lacan foi a de ter procurado mostrar que o significante age separadamente de sua significação, com total desconhecimento por parte do sujeito.

Se um acontecimento é vivido pela pessoa sem que esta possa apreendê-lo em sua exata significação, ele se inscreverá no inconsciente mas sem significação, isto é, como significante puro (lettre). Lacan assimila significante e significado à seleção e combinação.

A seleção é a escolha de um termo entre outros termos possíveis. Ela implica a possibilidade de uma substituição de um termo por outro, visto que o número de associações que se pode fazer entre as palavras, baseia-se em quaisquer similitudes.

As palavras segundo Saussure (83) podem se associar pelo sentido ou pelo som formando cada grupo uma série mnemônica virtual.

A combinação se refere à idéia de ligação, de contexto, servindo cada unidade linguística de contexto às unidades mais simples e encontrando seu contexto na unidade mais complexa.

A extensão é o suporte da combinação de signos, não podendo dois elementos serem pronunciados ao mesmo tempo e cada termo tomando seu valor do que o precede e do que o segue.

Os termos segundo Saussure (83) se unem "em presença" ou "em ausência" respectivamente na combinação (sistema) e na seleção (paradigma), havendo uma união estreita entre dois planos. A combinação não pode progredir sem apelar sucessivamente a unidades novas tiradas do código (língua).

Na seleção os termos de substituição são ligados por graus variáveis de similaridade ou de oposição (sinônimo e antônimo). Cada significante se associa verticalmente,

sendo seu eixo a vertical.

O eixo da combinação é o da horizontalidade, em que os termos se combinam e mantêm relações entre eles de contiguidade, de concatenação.

A linguagem e o discurso em sua totalidade são divididos por estes dois eixos. Daí Jakobson distinguir em função deles, dois grandes tipos de afasia. Segundo ele a metáfora e a metonímia estão baseadas nas relações de similaridade e de contiguidade respectivamente.

Nas conversações, de um modo geral, constatamos a existência destes dois tipos de relação entre os termos da linguagem, isto é, por similaridade ou por contiguidade. Suas formas de expressão são a metáfora (a mais condensada) e a metonímia.

Alguns linguistas utilizam os termos "sincronia" e "diacronia" respectivamente à ordem da seleção e da combinação, em virtude de uma similitude, por um lado, com a linguística dita "sincrônica" e de outro lado com a linguística "diacrônica".

Em síntese podemos relacionar, segundo Annika Rifflet-Lemaire (38), as denominações dadas aos dois eixos da linguagem: seleção - substituições e associação, paradigma, oposições, similaridade, metáfora, língua; combinação - contexto, sintagma, contrastes, contiguidade, metonímia, fala.

Lacan assimilado significante e significado a seleção e a combinação, e se referindo à noção de valor, dirá em consequência que são duas redes de relações que não se recobrem.

Os significantes se articulam em cadeias de desvios ou de diferenças enquanto que os significados irão depender das articulações globais dos significantes para se estruturarem.

A rede do significante é a estrutura sincrônica (língua) do material da linguagem, que se caracteriza pelas relações de oposição de seus elementos, em todos os níveis de estruturação que separa a linguística, desde os fonemas até as locuções compostas. Neste rede cada elemento assume sua função exata pelo fato de ser diferente dos outros.

A rede do significado é o conjunto diacrônico do discurso. A cadeia falada entretanto é comandada pelas leis de estrutura da rede significante. Sua característica dominante é que a significação nasce de uma tomada de conjunto dos termos.

A noção de valor, tal qual a expôs Saussure, foi assumida por Lacan ao aproximar as noções de significante e de significado respectivamente do paradigma e do sintagma, insistindo sobre o fato de que o significante, o significado e o signo mesmo, em sua globalidade são às vezes termos e relações.

Como já vimos, Lacan retomou as noções linguísticas de signo, de valor e de divisão da linguagem em dois eixos principais. Entretanto suas interpretações da teoria - dos valores admite que significante e significado são duas ordens distintas, separadas por uma barra resistente à significação, dois fluxos paralelos entre os quais a correspondência é fraca. Há nesta concepção uma acentuação nítida das relações dos termos entre si nas duas ordens em prejuízo da unificação final do significante a seu significado. Segundo Saussure (83) significante e significado recortam simultaneamente o sentido. Isto não quer dizer, contudo, que a significação da frase não possa ser apreendida de algum modo.

É a teoria do "point de capiton" elaborada por Lacan que permitirá a apreensão da significação das frases através da espiral recorrente. Estes "points de capiton" são os pontos de encontro da elipse do significado como percurso do significante.

O que desvia um pouco Lacan de um ponto de vista linguístico estritamente científico é sua visão filosófica do fenômeno da "compreensão" inter-humana, da apreensão "impossível" pelo homem da verdade, segundo Annika Rifflet-Lemaire (38) pág. 92.

É ao nível do discurso inter-humano que a filosofia da linguagem-verdade e da doxa-episteme se repercute de um modo evidente. As descobertas da episteme são transmiti

das oralmente sob a forma de opinião. Daí ser a linguagem um engano a respeito da compreensão inter-humana e principalmente da verdade. "A significação encerrada temporalmente ao nível da frase se assenta continuamente no enigma, ao gerar novas frases justapostas umas às outras, dando a impressão de uma distorção irreduzível entre significante e significado". (38)

Para Lacan, além da influência da função separadora da barra do algoritmo saussureano ao nível da frase, ela ocorre também ao nível local da palavra. Cada palavra na frase adquire um sentido devido ao jogo interrelacional dos elementos da frase, mas ao mesmo tempo este sentido não é jamais fixado de modo estável. A palavra sozinha implica uma série de referências a outras palavras do código. (38)

O problema da significação também se coloca na estrutura sincrônica da linguagem, em que o "point de capiton" é mítico, na medida em que a dimensão do real é remetida cada vez para mais longe e o significado final que dela se eleva é excluído do pensamento.

Uma ordenação adequada e refletida de termos excluindo os inadequados e evocando os comparáveis faz como que surja a significação.

A autonomia de linguagem em relação ao sentido é determinada pela possibilidade que ela tem de significar outra coisa do que o que ela diz. Isto ocorre devido ao poder metafórico do homem veiculando sentidos múltiplos.

A metáfora é o principal agente desta autonomia relativa, seguida da metonímia. Esta tendo por suporte a relação de proximidade de sentido de dois termos, substitui um termo a outro.

Lacan teve acesso rápido aos mecanismos do pensamento na medida em que insistiu sobre os procedimentos de estilo, mais que sobre as leis que presidiam a organização sintática da frase superficial. Os sonhos, os chistes, os lapsus, os sintomas estão cheios destes procedimentos estilísticos.

A análise psicanalítica para separar o sentido inconsciente destas formações deverá proceder a uma verdadeira hermenêutica. Esta revelará os contextos subjacentes ao enunciado, às estruturas aparentes das formações do inconsciente. Através da técnica de "associação livre" o analista reconstituirá as cadeias verticais de significantes inconscientes. De regressão em regressão chega ao primeiro significante (o Falo), mas não ao ponto em que este ancora no biológico. O significado permanece aquém do texto. Ele é pré-texto (34). Daí o significado do texto de um sonho não poder ser compreendido, sempre escorregando e transbordando em uma realidade orgânica ou imaginária inapreensível.

O psicanalista difere do linguista porque este opera com significantes já estruturados, institucionalizados cultural e socialmente, enquanto aquele busca no inconsciente um significado que foge constantemente através das incessantes transformações individuais.

A originalidade da psicanálise está nos meios que emprega "... la parole en tant qu'elle confere aux fonctions de l'individu un sens, son domaine est celui du discours concret en tant que champ de la réalité transindividuelle du sujet, ses operations sont celles de l'histoire en tant qu'elle constitue l'emergence de la verité dans le réel" (5).

As lacunas do discurso concreto são preenchidas pelo inconsciente que também é parte do discurso transindividual de que carece o sujeito, restabelecendo sua continuidade e verdade. A análise deve, portanto, desentranhar da história do sujeito o capítulo ocupado por um branco ou por uma mentira, a verdade escrita no corpo na língua do sintoma, a palavra fixada.

Estas verdades Freud já as havia mostrado em sua Interpretação dos sonhos, apenas Lacan insiste nelas. Nesta obra Freud mostra que o sonho possui a estrutura de um enigma, de um hieróglifo, de uma frase cujo idiograma seria o sonho da criança. (53)

Lacan assimila os processos metafóricos e metonímicos da linguagem respectivamente à condensação e ao deslocamento, dois mecanismos característicos do funcionamento do inconsciente em suas formações.

Freud mostra claramente que o sintoma se resolve totalmente em uma análise de linguagem, porque ele também está estruturado como uma linguagem cuja palavra deve ser liberada:

Não é o homem que cria a linguagem, mas é esta que o constitui. Seu nascimento é presidido pelo significante.

O sintoma neurótico é o significante de um significado reprimido da consciência do sujeito.

O analista é aquele que libera a fala do sujeito ao restituir a linguagem a seu desejo. Ao decifrar esta fala Freud encontrou a língua dos primeiros símbolos, quer se tratasse das conversões histéricas, das fobias ou da neurose obsessiva.

"Le symptôme psychanalyisable é soutenu par une structure identique à la structure du langage. Ceci se réfère au fondement de cette structure, soit la duplicité qui soumet à des lois distinctes les deux registres que s'y vouent du signifiant e du signifié" (Lacan pág. 444) (9).

Lacan evidenciou que o essencial dos mecanismos descritos por Freud constitui uma verdadeira retórica do inconsciente, podendo-se isolar algumas de suas principais representações tais como: a metáfora e a metonímia.

Estas figuras de estilo são encontradas comumente na própria linguagem que as encobre. Elas são talhadas sobre as experiências psicológicas profundas comuns a todos, como as experiências sexuais.

Lacan ao aplicar à psicanálise os ensinamentos de linguística termina por humanizá-los, aproximando por exem-

plô a linguagem do doente da linguagem do poeta. Só que as } operações entre significantes realizadas pelo primeiro são } estritamente privadas, incomunicáveis e incompreensíveis.

Segundo Lacan em les formations de l'Inconscient, há uma estrutura homogênea nos sintomas, nos sonhos, nos atos falhos e nos chistes, funcionando neles as mesmas leis estruturais de condensação e de deslocamento que são as leis do inconsciente. Estas leis são as mesmas que criam o sentido na linguagem.

Em psicanálise o algoritmo Saussureano (S/s) será compreendido no eixo do símbolo, da metáfora inconsciente mais que como signo restrito aos seus contornos racionais.

O conteúdo manifesto de um sonho é determinado quase que nos seus menores detalhes pelo conteúdo latente, isto é, cada detalhe deriva de várias idéias emprestadas a um fundo comum. Em contrapartida uma idéia latente pode ser representada por vários detalhes do manifesto. Forma-se as sim uma rede complexa entre o manifesto e o latente.

A significação neste caso depende das articulações dos elementos da frase e das associações verticais de cada termo elementar, da mesma forma que no algoritmo saussureano.

Em termos analíticos a significação do sonho se desprende de uma dialética do manifesto e do latente, cada

estado englobando os precedentes numa síntese mais ampla.

Uma mesma técnica de análise é aplicável a todas as formações do inconsciente assim como a um poema quando se trata de extrair a sua substância.

Na Instância da Letra no Inconsciente, (10) Lacan se esforça por mostrar o "sentido da letra no inconsciente" na medida em que a experiência analítica encontra no inconsciente toda a estrutura da linguagem. Cabe esclarecer portanto, primordialmente, a natureza do símbolo e o que se deve entender por letra.

"Nous designons pour lettre ce support matériel que le discours concret emprunte au langage" (10).

O texto originário do inconsciente é um conjunto de articulações, de sílabas opostas, de imagens acústicas, de letras elementares.

A psicanálise lida com diferentes formas de símbolos. O símbolo como um significante cuja natureza e caracteres estão em relação com o significado, sendo neste caso apreendido, ou como um significante cuja natureza é diferente daquela do significado embora seus caracteres ofereçam alguma semelhança de fato como no caso das metáforas.

Na língua a maior parte das palavras mantém com seu significado uma relação de hábito.

Os símbolos metafóricos são termos da linguagem provenientes de uma convenção social cultural, auxiliada pe

la similitude de fato entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, pode servir de exemplo.

Em psicanálise os símbolos operam do mesmo modo, a nudez significando a vergonha moral, etc.

A tradição está entranhada destes símbolos de conteúdo psicológico e qualquer indivíduo é capaz de apreendê-los.

Outros símbolos denotam uma dívida à cultura nacional ou universal, como é caso da cruz, símbolo do sacrifício, do sofrimento, etc.

Em psicanálise estes símbolos são correntes, principalmente nos sonhos e nos chistes.

O que é importante assinalar é a incidência no uso do símbolo de uma motivação secreta. Todo ser humano enriquece seu vocabulário de notas psicológicas pessoais, mas o doente o ignora. Ele perde a referência significada do símbolo, certos curtos-circuitos ocorrem em seu discurso sem que tome conhecimento.

Daí a insistência de Lacan, nos diz Annika Rifflet-Lemaire, sobre a barra resistente à significação no algoritmo saussureano. Na língua ela simboliza o subterfúgio do espírito na conquista do sentido; em psicanálise, simboliza a repressão do significado, inacessível sem a ajudados procedimentos analíticos. (38)

Para Lacan a linguagem re-produz (38) a realidade e desde que não há pensamento sem linguagem, o conhecimento do mundo, dos outros e de si mesmo é determinado pela língua. Este enfoque filosófico da linguagem torna-se evidente em toda a teoria lacaniana e, principalmente, nos textos em que ela ressalta a supremacia da ordem do significante, do símbolo sobre o homem.

Daí a tese lacaniana: o nascimento da linguagem, a utilização do símbolo, operam uma disjunção entre o vivido e o signo que o substitui. (38)

A palavra é presença e ausência da coisa que ela designa. A linguagem e o real são duas ordens separadas mas referenciais que se ordenam pelo ato da designação.

Esta substituição de um signo a uma realidade é que propiciará ao sujeito o distanciamento necessário do vivido para reconhecer-se como distinto do que o cerca.

Em seu ensaio Mais além do princípio do prazer (53), em 1920, Freud questionando os conceitos mais fundamentais de sua teoria, coloca o princípio da compulsão à repetição como o centro de suas investigações especulativas. Os sintomas neuróticos e, particularmente, os rituais obsessivos, são bastante repetitivos, aparecendo o reprimido no consciente através dos sonhos e dos sintomas. Também a transferência, as neuroses traumáticas nos mostram a força desta compulsão, escapando ao princípio do prazer. Freud evidencia a existência de uma compulsão à repetição através

do jogo de uma criança que se diverte fazendo desaparecer um objeto gritando "Fort!", para depois fazê-lo reaparecer com o grito de "Da!". Este jogo tem a significação de uma renúncia. Ele permite a uma criança de 18 meses suportar sem protesto a vivência penosa dos desaparecimentos e reaparições de sua mãe. Este jogo nos mostra como uma criança é capaz de dominar o vivido substituindo-o por um símbolo, a aparição e desaparecimento do objeto.

Segundo A. de Waelhens¹¹, esta brincadeira ilustra o nascimento da linguagem em sua autonomia em relação à realidade, permitindo compreender melhor como a linguagem nos faz tomar distância do real vivido. Ela descreve a abertura de uma criança à função metaforisante da Linguagem.

Lacan retoma este ensaio de Freud insistindo em sua importância e o jogo do "Fort! - Da!" servirá para ilustrar sua teoria do "point de capiton". O objeto substitui ao vivido primitivo da ausência da mãe e, por sua vez, ele é substituído na consciência por um símbolo da linguagem - uma alternância de dois fonemas. Este mecanismo de acesso à linguagem constitui de um só e mesmo golpe o inconsciente e a linguagem consciente.

"Nous pouvons maintenant saisir que le sujet n'y maîtrise pas seulement sa privation en l'assumant, mais qu'il élève son desir à une puissance seconde. Car son action

¹¹- De Waelhens, A. - citado em, Jacques Lacan, A. Rifflet - Lemaire, p. 110.

détruit l'objet qu'elle fait apparaître et disparaître dans la provocation anticipante de son absence et de sa présence. Elle négative ainsi de champ de forces du désir pour devenir à elle même son propre objet. Et cet objet prenant aussitôt corps dans le couple symbolique de deux jaculations elementaires, annonce dans le sujet l'intégration diachronique de la dichotomie des phonèmes, dont le langage existant offre la structure synchronique à son assimilation: aussi bien l'enfant commence-t-il à s'engager dans le système du discours concret de l'ambiance, en reproduisant plus ou moins aproximativement dans son Fort! e dans son Da! les vocables qu'il en reçoit". (Écrits, p. 319).

Segundo Lacan o aparecimento da linguagem é simultâneo à repressão originária constitutiva do inconsciente como veremos mais tarde.

A linguagem possibilita ao homem a aquisição de sua própria identidade. O despertar da consciência na criança coincide com a aprendizagem da linguagem que a integra gradativamente como indivíduo na sociedade.

A linguagem dispõe de categorias gramaticais que estão à disposição da singularidade do sujeito com o "Eu", a qual não pode ser concebida sem o Tu, o ouvinte ao qual se opõe, e sem o Ele representando a não-pessoa. É a dialética eu-tu que funde a subjetividade e permite a comunicação inter-humana.

A tomada de consciência de si como entidade distinta tem, portanto, como condição a linguagem. Ela é o intermediário entre o homem e o mundo, entre o homem e outro homem, entre si e a manifestação de si. É este intermediário que veicula o social, a cultura, as interdições e as leis gerando o condicionamento humano. A criança que entra no simbólico se vê moldada e submetida às suas imposições.

Há uma homologia profunda entre o social e a linguagem conforme afirma Lévi-Strauss. O Édipo sendo a estrutura subjacente da organização das sociedades subentende os interditos e as leis que estão presentes na linguagem, na organização das regras da sociedade. A criança deverá passar pelo Édipo para se tornar um ser social.

"O caráter homólogo entre o simbolismo social e o simbolismo linguístico está no fato de cada um deles ser uma estrutura de elementos oposicionais e suscetíveis de serem combinados, de que eles estabelecem cada um possibilidade de reconhecimento entre sujeitos, e finalmente, de que cada um deles necessita a passagem de uma relação imediata dual a uma relação mediata, pela intervenção de um terceiro termo que para a linguagem é o conceito e para a Sociedade: o Ancestral, a Causa sagrada, o deus". (38)

Na passagem do imaginário ao simbólico, um termo de ordem simbólica pode ser imaginário se ele é considerado absolutamente ou simbólico se ele é um valor diferencial cor relativo de outros termos que o delimitam.

Segundo Edmond Ortigues¹², um pensamento simbólico é um pensamento conceitual sem intuição empírica. Um símbolo é um operador de estrutura, um meio de efetuar oposições distintivas, combinações necessárias à existência de uma estrutura significante. Ele corresponde na linguagem à operação que transforma o dado natural, o nega, e é geradora de valores formais mediatos. O simbolismo é uma ordem de valores opostos a toda realidade — a ordem dos significantes.

Se a entrada no simbólico é a condição de individualização e de socialização do sujeito na medida em que a linguagem opera distinções essenciais para a recuperação do sujeito para ele mesmo, o psicótico é aquele que foi impedido de realizar isto. A psicose significa um fracasso do Édipo e, portanto, a incapacidade de empregar corretamente a linguagem.

A referência ao si, à subjetividade, só se realiza através da linguagem, é ela que opera a distinção entre esta individualidade psíquica e sua manifestação no discurso. Como ela não é imediata, é suscetível de todas as alianças e mentiras desejadas ou não.

Um desejo expresso numa palavra é sempre um pouco diferente do que nós trazemos expresso na linguagem secreta do inconsciente. Parece ser este o princípio que fun

¹² Ortigues, Edmond - "Le discours et le symbole", citado por A. Rifflet-Lemaire, p. 115.

damenta a interpretação lacaniana das neuroses. A alienação do neurótico na linguagem mostra que a sua resolução do Édipo foi imperfeita.

A normalidade, portanto, resulta de um pleno acesso do sujeito à ordem simbólica. O doente é aquele que se fixa no imaginário após fracassar na percepção correta e nítida das relações simbólicas. O neurótico e o psicótico se mantêm na ordem das relações duais imediatas do si a si, do si ao outro, em que este é visto, como semelhante.

O psicótico abusa do emprego do pronome "Ele" para designar o si, e sendo incapaz de apreender-se a si mesmo como subjetividade, se percebe como um outro, como uma coisa do mundo sobre a qual profere enunciados na terceira pessoa.

O objeto imaginário, segundo Edmond Ortigues¹³, ou se repetirá indefinidamente idêntico a ele mesmo ou obedecerá a uma descontinuidade de aspectos por trocas qualitativas incessantes. Neste último sentido a imaginação é nossa faculdade de criação.

Para Lacan a essência do imaginário é uma relação dual, um desdobramento no espelho, uma oposição imediata entre a consciência e seu outro, em que aquela buscando a si mesma crê se encontrar no espelho das criaturas e se perde no que não é ela.

¹³ - Ortigues, Edmond - citado por A. Rifflet-Lemaire, pp. 121, 122.

É a presença de um terceiro termo, de um conceito mediador, que determinando cada termo, permitirá a passagem de uma subjetividade mal definida que se perde em seu duplo especular a uma subjetividade individualizada. O discurso mediatiza a relação entre os homens através dos conceitos que ele cria.

No domínio do simbolismo social o terceiro termo mediador entre os vivos é o ancestral, a Morte, o Deus, a Causa Sagrada.

Segundo Edmond Ortigues o poder de heterogeneidade de fundador da Lei para o simbolismo social tradicional é duplo: o interdito e o sacrifício. A proibição do incesto e o sacrifício duplo - da relação sexual com a mãe ou com a irmã e da obrigação de tomar uma mulher em outra família a fim de se instaurarem as relações de aliança. O sacrifício, assim como o interdito, manifesta a ruptura pela qual o simbolismo se estabelece em uma ordem distinta do dado material natural ou profano.

No domínio da linguagem o sacrifício também está presente, quando se nomeia um alimento se impõe o sacrifício da coisa, porque a palavra não pode dar de comer¹⁴. A relação do homem desejando o objeto de seu desejo será sempre referência à Ausência pura, à Morte. O símbolo é a morte da coisa, e daí a onipotência da ordem simbólica que constitui o sujeito conduzindo-o em sua solidão até a dialética

¹⁴ - Ortigues, Edmond - citado por A. Rifflet-Lemaire, p.123.

do desejo convertido em desejo do outro. A onipotência inicial do imaginário deve ceder lugar à ordem do simbólico que o domina integralmente. O poder do significante que domina o sujeito que o expressa, é explicado por Lacan, na medida em que reconhece o inconsciente estruturado como uma linguagem e que o material simbólico oculto por ele atua "segundo as leis descobertas pelo estudo das línguas positivas, das línguas efetivamente faladas". (Lacan, *Écrits*, p. 594).

4. O acesso ao simbólico e o papel do Édipo na constituição do sujeito.

A ordem simbólica é uma ordem terceira, isto é, que se organiza entre o sujeito e o mundo real. É autônoma em relação ao real, podendo ser usada sem referência direta ao empírico. Entretanto é ela que organiza o real no espírito através de conceitos, afastando-o de uma confusão primordial. É a inserção do sujeito na ordem simbólica da linguagem ou sócio-cultural que o constitui em sua singularidade, daí o que Lacan chama a "divisão do sujeito". Esta divisão decorre do fato que o discurso "mediatiza" o sujeito se prestando desde então a uma rápida distorção da verdade. Ela cria uma estrutura oculta no sujeito - a elaboração do inconsciente.

A "spaltung" (de Spalte: fente em alemão) é a divisão do sujeito entre o psiquismo íntimo (o si) e o sujeito do discurso consciente.

J. A. Miller¹⁵ aplica o termo "Sutura" à relação que o sujeito mantém com o simbólico, com a cadeia de seu discurso, figurando ele aí como o elemento que falta sob a espécie de um lugar-tenente. Mas mesmo faltando ele não está totalmente excluído da estrutura, não está pura e simplesmente ausente. Este lugar-tenente pode ser o pronome pessoal "eu" o nome próprio que lhe é devolvido ou a denominação de "filho de" - ele é a ordem do símbolo, do significante, que se sustenta por suas relações com outros significantes. A linguagem mediatizando o sujeito o divide na medida em que excluído da cadeia significante ele está ao mesmo tempo nela "representado". Daí Lacan dizer: "Le signifiant est ce qui représente le sujet pour un autre signifiant".

O ser humano é um efeito do significante. A criança como uma massa homogênea sofre o condicionamento da sociedade, de sua cultura, de sua organização e de sua linguagem, ou ela reage forçando ou adoece.

Sob a máscara dos diferentes e múltiplos papéis sociais que o sujeito representa, porque ele quer ou por imposição, está o essencial, o recalcado, o verdadeiro sujeito. Esta máscara, ou seja, o discurso do eu social, é constituído de fantasias que nada mais são do que reflexos do verdadeiro eu. Ela entretanto apresenta uma organização tem

¹⁵ Miller, J. A. - "La suture", Cahiers pour l'analyse n° 1, citado por A. Rifflet-Lemaire, p. 128.

poral e lógica perfeitamente autônoma e distinta do si.

A consequência desta divisão é que a consciência e a reflexão se situam ao nível do discurso enquanto que o inconsciente é colocado do lado do sujeito verdadeiro. Daí este último só poder ser possível após uma longa e trabalhada análise.

Toda intervenção do significante, entre o sujeito de enunciação e o sujeito do enunciado, realiza a Spaltung segundo Lacan.

É a exterioridade do sujeito ao Outro (a linguagem para Lacan) que vai instituir o inconsciente.

O nascimento da individualização do sujeito como subjetividade ocorre quando na conversação dos pais ele recebe um nome, passando de "Ele", que equivale ao zero de Miller, ao "Eles" e sendo chamado como "filho", pela palavra do pai. O um é gerado a partir do zero pelo nome. É o "Ele", o vazio, portanto, que permite a existência da estrutura e a condição das permutações do "Eu" e do "Tu". A constituição do "Ele₁" permite a disjunção do "Eu", sujeito do enunciado e do (eu), sujeito de enunciação. Uma vez nomeado, o sujeito entra no circuito de troca como $\frac{Ele_1}{Ele_0} = (S/s)$.

O (Eu) pode se ausentar do "Eu" ou se disfarçar em "Tu", em "Ele" ou pode ainda figurar em "Se". Daí os enganos e mentiras do discurso que geram a impossibilidade da coincidência do (Eu) com o "Eu". O enunciado é um enigma,

um jogo de palavras onde o sujeito se esconde. Ele jamais poderá ser apreendido como enunciado.

É desse modo que se dá "la refente du sujet", isto é, a alienação do sujeito em seu discurso, como consequência da primeira divisão que ele sofre por sua entrada no simbólico. O sujeito se congela em seus enunciados e o conjunto deles acaba por concretizar-se em um eu (moi) que é a objetivação do sujeito.

O eu (moi) é o lugar das identificações imaginárias do sujeito, segundo Leclaire (p. 42). Ele concentra todos os ideais da pessoa, o que ela quer ser ou o que pensa ser. É uma espécie de molde inadequado sobre o Si.

O sujeito vai-se fazendo aos poucos ao sabor de sua fantasia e de seus sonhos, dissimulando-se a ele mesmo e aos outros. A separação entre o homem são e o doente vai depender da variação de grau desta dissimulação.

"Le moi est absolument impossible à distinguer - des captations imaginaires qui les constituent de pied en cap: par un autre et pour un autre". (Écrits, p. 374).

O drama do sujeito no discurso, nos diz Lacan, é que ele experimenta sua falta de ser, sendo nela apenas representado, assim como, igualmente o é seu desejo. Como consequência busca a verdade sobre si nas imagens de alguém ao qual vai se identificar.

Há neste ponto que se estabelecer a diferença entre o imaginário da relação dual imediata e o imaginário da relação triádica mediata. O primeiro é absoluto, não simbolizado, enquanto o segundo é simbolizado, isto é, uma cadeia de significantes autônoma em relação ao vivido, ao empírico, ao real.

O simbolismo nas formações do inconsciente é reportado ao nível de imaginário porque ele não é decodificado. A cura é a passagem do imaginário não simbolizado ao imaginário simbolizado, isto é, é o acesso à verdade do código pessoal do doente, o imaginário simbolizado se opõe ao imaginário alienante. Este significa a perda do distanciamento do sujeito em relação ao significante enquanto ele não é senão, representante. O sujeito levado contra sua vontade no fogo do significante, termina por perder a referência do mesmo em relação ao significado primeiro que foi recalcado (o Falo).

A Verneinung (denegação ou negação) é a forma essencial da função inconsciente do eu (moi), da alienação do sujeito, ela é um modo de apresentar o que é, sob a forma de não ser.

Benveniste caracteriza esta forma de resistência: "La négation linguistique ne peut annuler que ce qui est énoncé, posé explicitement. Un jugement de non-existence a toujours un statut formel de jugement d'existence. La négation est toujours d'abord admission." "La verneinung donc

démontre toujours en elle l'aneu du signifiant qu'elle annule". (60c).

No fenômeno da verneinung fica evidenciada a possibilidade para o eu (moi) de deter o inconsciente recusando-o. Ele ao mesmo tempo que suprime o recalçamento, porque o significante recalçado está sempre presente na negação, também o mantém. Finalmente podemos dizer que esta forma de resistência manifesta pertence à função de não reconhecimento do eu onde penetra o imaginário. Podemos concluir que o duplo fenômeno da divisão do sujeito gera o inconsciente. A primeira divisão decorre do fato de que o sujeito fala e a segunda de que ele não é mais do que um significante.

Segundo Lacan "La réduplication que le discours provoque est ce que Freud nomme l'Urverdrangung (refoulement originaire)". (I. Écuts, p.710).

A concepção da fase do espelho embora tenha sido apresentada por Lacan pela primeira vez, por ocasião do Congresso de Mariembad, só recebeu uma formulação definitiva no Congresso de Zurich em 1949.

O interesse demonstrado por Lacan pelo estádio do espelho decorre do fato dele ser testemunho da relação dual imediata própria do imaginário, e de sua observação re

velar toda a importância de uma passagem ao registro do sim
bólico. Esta passagem representa para a criança a circuns-
crição de sua individualidade no grupo familiar e na socie-
dade de um modo geral, isto ocorrendo a grosso modo na épo-
ca do Édipo.

A relação dual que a criança estabelece inicial-
mente com seu semelhante não lhe dá sua subjetividade. Pode
rá tratar-se de uma outra criança, de sua própria imagem re-
fletida no espelho, ou de sua mãe. Ela apenas significa a
reestruturação da totalidade do corpo vivido anteriormente
como despedaçado.

O outro, a imagem no espelho, ou sua mãe é ape-
nas um semelhante com o qual se identifica. A criança rea-
ge como se a imagem fosse uma realidade.

A seguir a criança cessará de tratar essa imagem
como um objeto real, não procurando pegar o outro por trás
do espelho.

Em uma outra etapa a criança reconhece o outro co
mo sendo sua própria imagem. Isto significa que ela está
buscando sua própria identidade. Este processo de identifi-
cação primária da criança com sua imagem é a raiz de todas
as outras identificações.

Lacan a qualifica de imaginária porque a criança
se identifica a um duplo de si mesma, a uma imagem que não
é ela própria mas que permite reconhecer-se, preenchendo as

sim um vazio, uma hiância (beãnce) entre os dois termos da relação - o corpo e sua imagem.

O reconhecimento de si (soi) no espelho se situa por volta dos 6 a 8 anos, observando-se simultaneamente nesta idade certas atitudes particulares da criança em relação às outras da mesma idade. Ela as agride e procura impor-se imitando-as. Trata-se de uma relação "dual" que se caracteriza pela indistinção, pela confusão de si mesma com o outro. É alienante porque a criança não se distancia de seu duplo-imagem do espelho ou de outra criança.

A captação pela imagem da forma humana dominará entre 6 meses e 2 anos e meio o comportamento da criança em presença de seus semelhantes, comportamento que será de identificação. A criança que agride diz ter sido agredida e a que vê outra ferir-se chora.

O estágio do espelho se caracteriza pelo aparecimento da subjetividade cenestésica, precedida pelo esfacelamento do corpo vivido. O reflexo do corpo se apresenta então como positivo pela sua unidade e localização espaço-temporal. É negativo pelo fato da identificação narcísica alienante - o sujeito e seu duplo. A consciência se aniquila sob o seu duplo sem distanciamento.

A relação dual é própria do imaginário não distinguindo o significante do significado, esta relação é característica entre o filho e a mãe, que o submete a uma união difusa onde os dois membros se interpenetram sendo a crian

ça privada de sua individualidade. No início ela deseja ser cuidada pela mãe mas depois deseja ser tudo para ela, o complemento de sua falta – o FALO.

Enquanto falo a criança deseja deitar-se com ela, isto é, deseja tomar o lugar daquilo que falta a sua mãe.

Ela é desejo do desejo de sua mãe e para satisfazê-lo, se identifica ao objeto deste desejo – nomeadamente o falo.

Neste estágio o sujeito despersonalizado se caracteriza por ser uma falta o zero absoluto, porque não se situou ainda na rede do simbólico.

A criança que permanece fixada na relação especular será incapaz de situar-se ou de situar os outros em seus respectivos lugares como é o caso da criança psicótica, esta se angustia à visão de sua própria imagem, não podendo também suportar o olhar de outras pessoas no espelho e não reconhecendo seu próprio corpo, isto significa que ela regrediu para o estado do corpo esfacelado.

O neurótico embora tenha assumido a subjetividade pela entrada no simbólico permanece também na relação dual na medida em que o registro do simbólico se faz no imaginário. Trata-se da "refente" devida ao recalçamento das referências simbólicas, a recuperação destas referências esquecidas poderá ser alcançada pela análise no caso da neurose, mas não da psicose o êxito não é certo, porque não se po

de impor a um doente as relações simbólicas que ele nunca efetuou.

O advento da ordem simbólica pelo Édipo é realizado pela intervenção do pai ao introduzir a privação em um duplo sentido: ele priva a criança do objeto do seu desejo e a mãe do objeto fálico.

A criança se choca com o Interdito, com a proibição do incesto, com o poder de diferenciação fundador da ordem do simbólico, encontrando a Lei do Pai. Mas para que o pai seja reconhecido como representante da lei, é preciso - que antes sua palavra seja reconhecida pela mãe. Não são as relações estabelecidas com ele ou o reconhecimento de seu papel na procriação que importam para que ele adquira uma função privilegiada e sim a palavra (o símbolo). Se a mãe não reconhece a função paterna e se a criança recusa a Lei, o imaginário persiste ou seja a submissão da criança à mãe e sua identificação com o falo. Se o pai é reconhecido pela mãe como autor da Lei a criança tem acesso ao nome-do-pai ou "metáfora paterna", que dão fundamento à Lei simbólica da família. O nome-do-pai é o significante do pai real ou o advento do pai no campo do Outro, ordem simbólica. A criança se identifica ao pai como aquele que "tem" o falo. O pai reinstaura o falo como objeto desejado pela mãe, como objeto distinto da criança. Verifica-se então o declínio do Édipo pela via do "ter" e não do "ser". Ao mesmo tempo se dá uma castração simbólica - o pai castra a criança enquan-

to falo e a separa de sua mãe.

A entrada da criança no simbólico pela resolução do Édipo a libera da relação dual imediata fazendo com que ela assuma sua subjetividade através do significante originário de si. A partir deste momento ela começa a participar do mundo, da linguagem, da cultura e da civilização. "La loi primordiale est donc bien celle qui, réglant l'Alliance, superpose le règne de la Culture au règne de la Nature, vouée à la loi de l'accouplement. L'interdit de l'inceste n'en est que le pivot subjectif. Cette loi se fait reconnaître identifique à un ordre de langage car nul pouvoir, hors les nominations de la parenté, n'est à même d'instituer l'ordre des préférences et des tabous". (Écrits, pág. 278).

Na psicose o sujeito não é capaz de distinguir o significante do significado devido à ausência de um substituto originário de si (soi) na medida em que houve uma imperfeição na resolução do Édipo.

O "falo" é um termo que não deve ser confundido com o sexo real biológico, com aquilo que se chama pênis, ele é um significante abstrato que como todo símbolo conduz além de sua materialidade, isto é, conduz além daquilo que ele representa. É uma significação que só é evocada pela metáfora paternal segundo Lacan. De acordo com Leclaire é o significante por excelência, de identidade impossível.

A metáfora se realiza por uma substituição em uma relação de significante a significado de um outro significante.

$$\frac{S'}{S} \cdot \frac{S}{S} \longrightarrow S' \left(\frac{I}{S} \right)$$

O significante S é substituído por um outro S' para que o primeiro ingresse na classe do significado.

Esta fórmula usada por Lacan para a metáfora paterna se transmuta nesta outra.

$$\frac{\text{nome do pai (S')}}{\text{desejo da mãe (S)}} \cdot \frac{\text{desejo da mãe (S)}}{\text{significado do sujeito (s)}}$$

$$\longrightarrow \text{nome do pai (S)} \left(\frac{A}{\text{falo}} \right)$$

A criança ainda no estágio do espelho deseja ser o falo, o objeto de desejo de sua mãe ou o complemento de sua falta. O pai intervém impedindo a continuação da identidade da criança com sua mãe e marca a primeira de uma falta-a-ser fundamental. A castração da criança, isto é, a separação de sua mãe pelo interdito, faz com que ela renuncie a todo poder de seu desejo e aceite a Lei que a limita. O desejo de ser o falo é reprimido e substituído pelo Nome-do-Pai, pelo símbolo, manifestando-se o pai como aquele que "tem" o falo desejado. É a repressão originária que determina o acesso à linguagem.

A alienação do desejo resultante do acesso à linguagem reside no fato da criança ao se identificar como pai

deixar de ser o falo todo-poderoso para ter um desejo formulável em uma demanda, se engajando na busca de objetos cada vez mais afastados do objeto de seu desejo. A falta-a-ser, criada pela imposição da Lei, explica a eternização do desejo que de significante em significante, se desloca metonimicamente na demanda.

Lacan distingue entre necessidade, desejo e demanda. A primeira é basicamente biológica dirigindo-se a um objeto e se satisfazendo com ele. Ela nunca se apresenta pura estando sempre penetrada pelo desejo e pela demanda. Lacan a correlaciona com a "falta" que resulta da saída da criança do ventre materno, perdendo assim com o nascimento seu complemento anatômico. Esta falta constitui um vazio, uma "hiância" (béance), suscitando a necessidade, para a pulsão. Este é um impulso que invade a criança tornando manifesta a falta do complemento maternal. Ela ao se expandir encontra limites no próprio corpo, sendo canalizada para as zonas erógenas que têm acesso ao exterior. É uma força que tende constantemente a suprimir a tensão. Tanto em Freud como em Lacan a pulsão acrescenta um coeficiente erótico à necessidade orgânica, mas para este último ela se localiza no organismo antes de qualquer representação do psiquismo.

A demanda segundo Annika Rifflet-Lemaire designa em Lacan o lugar simbólico, significante, onde se aliena, progressivamente o desejo primordial. É da ordem do discur

so, da linguagem, que penetrando e subtraindo o desejo é in capaz de o completar, fazendo-o renascer mais impetuoso. O objeto perdido buscado pelo desejo jamais poderá ser conquistado e a demanda faz com que o sujeito cada vez mais se afaste dele. O desejo se produz para além da demanda não podendo satisfazê-la jamais. Ela será intransitiva e eterna não recaindo sobre nenhum objeto preciso, de modo está-vel, nem podendo mesmo substituir o objeto perdido. Daí a busca incessante do homem, por exemplo, no campo do conhecimento. O "falo" recalcado pela metáfora paterna jamais se-rá recuperado pelo sujeito consciente como objeto real de seu desejo.

"Il y a toujours un au-delà de la demande. Le désir se présente dans l'analyse comme un residu irréductible, résultant de l'écart entre l'exigence du besoin et le demande articulé". (22).

A demanda nos diz Lacan, é demanda de uma presença ou de uma ausência, sendo sobretudo demanda de amor. Ela recai sempre sobre algo diferente daquilo que persegue. Pode acontecer que a demanda se apresente encoberta pela necessidade. Neste caso ela não é reconhecida como demanda de amor e é apenas percebida como necessidade. Por exemplo, quando a criança pede um doce à sua mãe, ela poderá estar dissimulando sua carência de afeto. A mãe poderá entender o seu apelo dãndo-lhe carinho em lugar do doce, ou dar-lhe este satisfazêndo assim sua suposta necessidade, mas não sua de-

manda. A repetição desta atitude materna acabará por sufocar na criança sua demanda de amor. Daí a "anorexia mental" da qual o suicídio é uma conclusão bastante frequente.

"O desejo do homem é o desejo do outro" nos diz Lacan. O próprio do desejo é o fato de estar radicado no imaginário do sujeito. O desejo do outro, é desejo de outro desejo, o desejo de fazer reconhecer pelo outro seu próprio desejo. Lacan referindo-se a Hegel escreve: "Le désir même de l'homme se constitue, nous dit-il (Hegel), sous le signe de la médiation, il est le désir de faire reconnaître son désir. Il a pour objet un désir, celui d'autrui en ce sens que l'homme n'a pas d'objet qui se constitue pour son désir quelque médiation". (Écrits, pág. 281).

A concepção lacaniana do desejo, portanto, só poderá ser compreendida como uma referência à Fenomenologia do Espírito ou, de modo mais preciso, à "dialética do Amo e do Escravo" nela descrita.

O desejo será o desejo do outro, entretanto, na medida em que seu significante e seu objeto sigam sendo o falo. (Écrits, pg. 692).

O outro(a) que é "Outro(A)", segundo Lacan, é "o lugar do deslocamento do discurso". A ordem do simbólico, da linguagem é a condição que se impõe à dialética do desejo. O desejo através da demanda se desdobra no discurso, sendo o Outro(A) o lugar desse desdobramento.

5. *As formações do inconsciente e os processos linguísticos da metáfora e da metonímia.*

O sonho, o sintoma, o chiste e o lapsus são formações do inconsciente que aparecem à consciência de um modo velado, isto é, ocultando seu verdadeiro sentido inconsciente. Estas formações estão estruturadas segundo as mesmas leis que estruturam a linguagem. Daí Lacan nos dizer que "o inconsciente está estruturado como uma linguagem". Em verdade ele é constituído de elementos significantes elementares que se articulam formando uma intrincada rede através de condensações e deslocamentos.

A descoberta lacaniana não teria sido possível se as pesquisas linguísticas não tivessem alcançado tão alto grau de desenvolvimento. Lacan não revolucionou o freudismo, como muitos dizem, mas apenas procurou traduzir em termos novos, de acordo com sua época, as concepções de Freud. Ele fez uma leitura epistemológica da obra freudiana como um esforço de recuperação de seu sentido perdido, de sua originalidade.

O estudo que Lacan faz das formações do inconsciente procura manter-se fiel ao espírito freudiano.

O inconsciente está sempre presente no discurso consciente através de suas lacunas já afirmava Freud. Os lapsus e os trocadilhos evidenciam isto. "Le discours conscient est un peu comme ces manuscrits sur lesquels un pre-

mier texte a été effacé pour être recouvert par un autre. Dans ces manuscrits le premier texte se laisse toujours néanmoins apercevoir dans les failles du second". (38).

Lacan nos diz: "O inconsciente é o discurso do Outro", sendo o Outro o lugar onde se constitui o eu que fala.

Os sonhos são realizações distorcidas de desejos inconscientes. Seu conteúdo manifesto é aparentemente sem sentido, ilógico, mas uma análise bem feita, pela técnica da associação livre, descobrirá cadeias associativas a partir de cada um de seus detalhes. Estas se organizam em uma rede de significantes que conduzem a uma trama coerente de pensamentos inconscientes.

O mecanismo da metáfora é aquele em que se constitui o sintoma. Ele simboliza um significante inconsciente ao nível de um órgão ou de uma função. O sintoma está em estreita relação com o pensamento recalcado, sendo esta sempre de ordem verbal - um significante substitui a outro significante.

O fantasma é uma outra formação do inconsciente que tem uma natureza mista, isto é, participa ao mesmo tempo do sistema inconsciente e do sistema pré-consciente-consciente. É no sonho que se pode perceber melhor a ligação profunda entre estes dois polos do psiquismo: por um lado, ele está vinculado ao desejo inconsciente o mais profundo e por outro, está presente na elaboração secundária do sonho,

assim como no devaneio subliminal ou consciente. Os fantasmas são simbolizações dos desejos inconscientes em diferentes graus. "Eles lembram em termos lacanianos, a passagem do desejo na demanda ou a alienação deste desejo". (38).

Além dos fantasmas que se apresentam de modo particular nos diferentes indivíduos conforme suas experiências pessoais, há também, os chamados originários, que existem em todos homens, transmitidos pela herança filogenética. Estes são os fantasmas da vida intra-uterina, da cena primitiva, da castração e da sedução que se articulam na formação do Édipo. Daí para Freud uma rede de associações fantasmáticas estar na base do comportamento de todo o indivíduo. Freud levanta a hipótese de que o conteúdo dos fantasmas originários tenha sido real nos primeiros tempos da família primitiva. A dificuldade encontrada em relação a estas formações, está em se saber como distinguir entre um fantasma puramente imaginário e um ligado a acontecimentos realmente vividos.

Lacan assimila os mecanismos próprios das formações do inconsciente, isto é, a condensação e o deslocamento, respectivamente, aos processos linguísticos da metáfora e da metonímia, "Il s'agit de retrouver dans les lois que régissent cette autre scène, les effects qui se decouvrent au niveau de la chaîne d'éléments matériellement instable que constitue le langage - effects déterminé par le double jeu de la combinaison et de la substitution des le signi-

fiant selon les deux vertant générateurs du signif : la métaphore et la métonymie". ( crits, pp. 688, 689).

Como j  vimos anteriormente a autonomia do signi-
ficante sobre o significado   devido   metáfora e   meton -
mia, na medida em que a linguagem tende sempre a significar
outra coisa diferente do que ela anuncia. A mediatiza o
da linguagem tem como consequência a aliena o do significa-
do.

Ao nos referirmos aos dois eixos da linguagem tam-
b m constatamos que Jakobson no estudo da afasia relacionou
similaridade com metáfora e contiguidade com metonímia.

Seguindo a orienta o de A. Rifflet-Lémaire men-
cionaremos primeiro as defini es psicanalíticas de conden-
sa o e de deslocamento e depois as defini es linguísticas
de metáfora e metonímia. A seguir, o emprego destas no es
por Lacan, e por último, as rela es entre metáfora e conden-
sa o e metonímia e deslocamento.

Segundo o Dicionário de Psicanálise de J. Laplan-
che e J. B. Pontalis focalizaremos as defini es de conden-
sa o e de deslocamento.

Condensa o (verdichtung) - "um dos principais mo-
dos de funcionamento dos processos inconscientes: uma repre-
sent o única representa por si só várias cadeias associa-
tivas, na intersec o das quais se encontra. Desde o ponto
de vista econ mico, se encontra carregada de energias que,

unidas a estas diferentes cadeias, se somam a ela".

Deslocamento (*verschiebung*) – "consiste em que o acento, o interesse, a intensidade de uma representação pode desprender-se desta para passar a outras representações originalmente pouco intensas, ainda que ligadas à primeira por uma cadeia associativa".

No Petit Larousse a metáfora e a metonímia são assim definidas: Metáfora – "s.f. (grego *methaphora*, transporte). Figure par laquelle on transporte la signification propre d'un mot à une autre signification qui ne lui convient qu'en vertu d'une comparaison sous-entendue".

Segundo Fages (34) os mecanismos da formação de uma metáfora são estudados de um modo mais detalhado atualmente pela linguística moderna e pela retórica. A metáfora "propriamente falando, não é uma substituição de sentido mas a modificação do conteúdo semântico de um termo". (Retórica Geral Larrouse).

A. Rifflet-Lémaire afirma que a linguística moderna "designa a metáfora como o nascimento de um sentido novo em uma relação de substituição de significantes apresentando entre eles um elo de similaridade". Ela nos diz ainda que, agora, já se pode apreender de modo imediato o papel representado pela metáfora na autonomia do significante em relação ao significado. (38)

Fages também nos fala da sinédoque (figura que consiste em tomar a parte pelo todo), referindo-se à possibilidade da metáfora ser o produto de duas sinédoques. Daí conclui que a metáfora seria mais uma intersecção do que uma substituição. (34)

Metonímia - "s.f. (grego metonymia, mudança de nome) la métonymie est définie comme una figure de rétorique par laquelle un mot est mis à la place d'un autre dont il fait entendre la signification". (Littré)

Seus usos são os seguintes: a causa pelo efeito (e vice-versa), o continente pelo conteúdo, o nome do lugar onde a coisa se faz pela coisa ela mesma, o signo pela coisa significadora, um nome abstrato por um nome concreto, as partes do corpo vistas como sede dos sentimentos por estes sentimentos eles mesmos, o nome do dono da casa pela casa ela mesma, o antecedente pelo conseqüente, o uso pela coisa, a parte pelo todo.

Os estudos de linguística moderna nos dizem que a metonímia está fundada na substituição de significantes - que mantêm entre si relações de contigüidade, de conexão contextual.

Jakobson como já vimos, define a metonímia como uma substituição de significantes que têm entre si relações de contigüidade.

Segundo Fages a definição de Jakobson é mais aplicável à sinédoque, como no exemplo, uma vela para dizer um barco, desde que há uma substituição de termos unidos pela relação de contiguidade.

Na metonímia quando dizemos, por exemplo, Champagne ao invés de vinho de Champagne (província), a passagem do termo de partida (p) ao termo de chegada (c) se efetua por intermédio de um termo (I) que engloba P e C. "Na metáfora o termo intermediário é englobado enquanto na metonímia ele é englobante", como no exemplo, homem: "caniço pensante", o termo intermediário seria o de fragilidade, válido tanto para homem quanto para caniço (34).

A denotação e a conotação, as quais já nos referimos na 2ª parte (o modelo linguístico), são duas noções necessárias à compreensão da posição do termo intermediário na metáfora e na metonímia. A denotação é a linguagem segunda, podendo ser decorativa, metafórica, irônica, etc. sendo importante na irradiação dos conteúdos ideológicos de uma pessoa ou de um grupo. Greimas e Barthes a chamam de mítica (65). Ela traz mensagens que não aparecem à primeira vista pelo sentido literal. Podemos exemplificar quando alguém pede em um bar Whisky estrangeiro ao invés de nacional, isto nos remete por denotação à natureza da bebida e por conotação ao status social do indivíduo, a um significado ideológico. Na metáfora intervêm pequenas unidades de significação que são denotadas, isto é, incluídas na significa-

ção do termo de partida e do termo de chegada, como no exemplo já citado: fragilidade em homem e em caniço. Na metonímia intervêm unidades de conotação ideológica, de um modo geral, mais convencionais. Toda vez que a ideologia corrente aumenta de modo significativo o âmbito de um termo conferindo-lhe capacidades englobantes: Coca-cola, Fusca, etc. - há metonímia mesmo. Mantendo-se a idéia de contiguidade entre os termos de partida e de chegada, temos entretanto que constatar que a conotação ideológica vem "inflar" o papel do termo intermediário. (34).

Vamos tratar agora do uso que Lacan faz em suas teorias, destas duas figuras de estilo.

"Il s'agit donc se définir le topique de cet inconscient. Je dis que c'est celle-là même que définit l'algorithme $\frac{S}{S}$.

Ce qu'il nous a permis de développer de l'incidence du signifiant sur le signifié, s'accommode de sa transformation en: $f(S) \frac{I}{S}$.

C'est de la coprésence non seulement des éléments de la chaîne signifiants horizontale, mais des ses alternances verticales, dans le signifié, que nous avons montré les effets, repartis selon deux structures fondamentales dans la métonymie et dans la métaphore. Nous pouvons les symboliser par: $f(S \dots S') S \tilde{=} S (-) s$ soit la structure métonymique, indiquant que c'est la connexion du signifiant au signifiant, qui permet l'éliision par quoi le signifiant

installe le manque de l'être dans la relation d'objet en se servant de la valeur de renvoi de la signification pour l'investir du désir vivant ce manque qu'il supporte. Le signe - placé entre () manifestant ici le maintien de la barra-, qui dans l'algorithme premier marque l'irréductibilité où se constitue dans le rapport du signifiant au signifié, la résistance de la signification. Le signe = désigne la congruence". (10)

Pelo fato de Lacan misturar a definição linguística com o seu uso psicanalítico, A. Rifflet-Lémaire nos diz ser preferível dividir a interpretação desta fórmula em dois momentos, tentando dar primeiro uma justificação linguística e depois uma justificação psicanalítica.

É através de um exemplo: eu bebo um copo, que se mostrará melhor a simbolização do processo metonímico na fórmula lacaniana. Copo substituí água, isto é, o continente substitui o conteúdo. A conexão imediata de pensamento entre dois significantes faz com que surja a expressão acima referida. Isto corresponde ao primeiro membro da fórmula $f(S...S')$ S. O segundo membro nos remete ao algoritmo S/s em que a barra entre S e s é resistente, não podendo ser transposta, daí: $S(-)s$. A metonímia é sempre um não-sentido aparente: não se bebe um copo. Em relação à fórmula total: "le rapport du signifiant au signifié, par lequel s'engendre le sens dans le langage, et médiatisé, dans la métonymie, par une chaîne de signifiants en connexion de sens; cette

médiation est responsable d'une résistance de la signification." (38).

Segundo Fages Lacan na metonímia parece prender-se à aceção tradicional precisada por Jakobson, embora segundo ele, seja melhor dizer sinédoque. (34)

Relativamente à explicação psicanalítica, vimos no texto de Lacan, que ele nos fala no significante que instala a falta-a-ser na relação de objeto, referindo-se ao desejo que preenche a falta, num remetimento constante de significante a significante. Trata-se da passagem da falta, ao desejo e à demanda. A necessidade instala a falta, que o desejo se esforçará por preencher na busca dos objetos que venham a substituir o objeto perdido (irrecuperável). " O desejo é uma metonímia" (Lacan) na medida em que a falta de ser (a necessidade) em sua relação com o objeto (que lhe falta) se inscreve no significante (parcial), metonímico. Daí a alienação do homem na linguagem através do desejo.

Annika Rifflet-Lenaire (38) escolhe um sonho de Freud para mostrar através de sua análise a metonímia do desejo. Freud sonha que deseja ser um descobridor. Seu sonho constitui uma resposta à visita de um amigo na véspera, que o havia censurado por se deixar levar demasiado pelas fantasias. Seu desejo expresso no sonho se relaciona à sua paixão pelos livros, a qual teria se originado aos cinco anos, segundo o próprio Freud, de uma cena em que ele rasgava com

intenso prazer, folha a folha, um livro colorido. A lembrança desta cena o remete a uma outra (por associação metonímica) mais tardia - a limpeza de um herbário cheio de vermes (Buecherwurm). Esta palavra alemã designa ao mesmo tempo o verme do livro e o rato da biblioteca, num duplo sentido. Freud se comporta, portanto, em sua paixão pelos livros como um verme que os devora.

Por sua vez a lembrança do herbário é relacionada, por associações metonímicas, a um sonho com inseto (wurm). Esta palavra apresentando também duplo sentido: o inseto e a criança-falo do ponto de vista psicanalítico, remete ao desejo profundamente inconsciente de devorar sua mãe como se devora um livro. A associação de mãe ao livro se baseia no fato de Freud ter recebido de seu pai uma bíblia (objeto que era precioso para seu pai). Freud interpretou inconscientemente este ato, como seu pai lhe tivesse dado a mãe, em seu próprio benefício. Daí chegarmos à necessidade primordial de união à mãe, à falta, através de cadeias de significantes, por associações metonímicas, em que o desejo de ser um descobridor, de ter então escrito um livro, suporta o desejo fundamental inconsciente de se deitar com a mãe.

Podemos observar que embora Lacan afirme ser "o desejo uma metonímia", isto não quer dizer, que todas as ligações associativas tenham que ser necessariamente metonímicas - elas poderão ser também metafóricas, como neste sonho

de Freud. Da mesma forma quando ele diz ser "o sintoma uma metáfora". Estas expressões são usadas num sentido geral, porque Lacan só distingue metáfora de metonímia em casos bem distintos de associações.

A fórmula de Lacan para a metáfora é a seguinte:

$$f \left(\frac{S'}{S} \right) \cdot S = \tilde{S} (+) s$$

"La structure métaphorique indiquant que c'est dans la substitution du signifiant au signifiant que se produit en effet de signification qui est de poésie ou de création, autrement dit d'avènement de la signification en question... Le signe + placé entre () manifestant ici le franchissement de la barre et la valeur constituante de ce franchissement pour l'émergence de la signification" (10)

A. Rifflet - Lemaire para esta fórmula da seguinte explicação: "le surgissement de la signification est immédiat dans la métaphore, il s'effectua par une sorte d'étincelle dans l'esprit qui établit d'emblée le rapport entre les signifiants substitués l'un à l'autre" (38).

Ela ainda acrescenta que a metonímia, ao contrário, necessita de uma trajetória mais longa do espírito na busca das ligações que unem os significantes.

Na metáfora os significantes também se substituem, mas o significante substituído é mantido implicitamente recaído sob a superfície significante.

"Il faut définir la métaphore par l'implantation dans une chaîne signifiante d'un autre signifiant, par quoi celui qu'il supplante tombe au rang de signifié et comme signifiant latent y perpétue l'intervale où une autre chaîne signifiante peut y être entrée (Écrits, 708)

O verso de Vitor Hugo é tomado por Lacan para exemplificar a análise do processo metafórico - "Sa gerbe n' était point avare ni haineuse" (sua meda não era avara nem odienta). Neste verso a metáfora reside na palavra gerbe (meda), que substitui um outro significante Booz (personagem bíblico), que por sua vez cai sob a classe do significado. Mas ele se mantém como significante latente, possibilitando a introdução de uma outra cadeia associativa de significantes como a que une Booz a pai, depois a falo e depois à fecundidade. Esta cadeia entretanto parece desproporcionada em relação à manifestação metafórica - não há sentido relativamente ao sentido subjacente ou recalcado. Daí a afirmação de Lacan: "La métaphore se place au point précis où le sens se produit dans le non-sens" (Écrits, 508).

Lacan se distingue dos linguistas na medida em que não acentua a relação de similaridade estabelecida entre os elementos substituídos um ao outro na metáfora. Isto se explica pela diferença entre as relações inconscientes e as do processo secundário, não sendo as primeiras tão dependentes das relações de analogia como as segundas.

Há também em Lacan uma noção que está ausente nos linguístas, isto é, a do sentido no não-sentido, como já vimos no verso de Vitor Hugo. A metáfora é criadora de sentido pela substituição de um significante a outro.

Fages nos fala que estão antecipadas em Lacan as análises atuais da metáfora, desde que a substituição não é total (se efetua em superfície) conservando alguma coisa do significante substituído. Apenas há uma diferença quanto à pertinência do linguista e do analista, onde o primeiro estabelece a dosagem entre elementos substituídos e elementos mantidos, Lacan instaura uma estiagem entre os elementos de superfície e os que permanecem latentes. (34)

A explicação da fórmula de Lacan dada por A. Rifflet-Lemaire é ilustrada por um exemplo de sintoma metafórico dado por A. Vergote ao tomar um caso de Freud. É o caso de uma doente que sofria de dores no baixo ventre. A palavra cruz é a palavra chave neste caso. Durante o processo de associação livre a paciente se detém nesta palavra (Kreuz) e diz que a cruz significa sua dor. Cruz (Kreuz) num duplo sentido também significa sacro. Freud ao mostrar à paciente que esta palavra também significa sofrimento moral, faz desaparecer o sintoma S' (sofrimento físico) se substitui a S (cruz significando sofrimento moral), caindo este sob o significado (latente).

Tentando-se reconstituir o processo de estabelecimento do sintoma podemos dizer, que a paciente sofrendo moralmente, relacionou seu sofrimento à cruz (simbolismo tradicional), estabelecendo logo após sua relação com o sacro. O sofrimento moral que ela queria esquecer, é reprimido no inconsciente manifestando-se sob a forma de dor (sintoma).

A "Psicopatologia da vida cotidiana" de Freud oferece uma série de exemplos psíquicos determinados pelo inconsciente que servirão à análise lacaniana das formações do inconsciente.

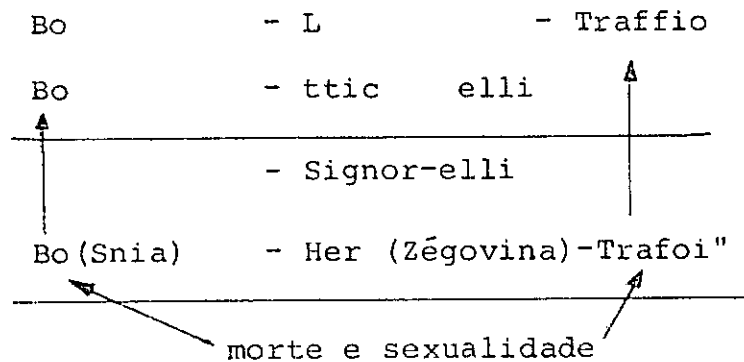
O caso de esquecimento de nome, ao qual substituem nomes errados. A. Rifflet-Lemaire retoma um desses casos de Freud de esquecimento do nome "Signorelli".

Freud viajava com um estrangeiro na região de Bosnia-Herzegóvina. Conversavam sobre arte italiana: "O senhor já viu um Orvieto...?" Freud tenta lembrar o nome de Signorelli mas não consegue, só lhe vindo à memória os de Boticelli e Boltraffio.

Eles haviam conversado sobre os costumes dos turcos de Bósnia - Herzegóvina, isto é, de sua plena confiança no médico (Senhor-Herr) na cura, da extrema importância que davam aos prazeres sexuais a ponto de chegarem à impotência, o que lhes causava desespero. Neste meio tempo Freud se lembrava de uma notícia que lhe acabara de chegar de Traffoi, de que um de seus pacientes sofrendo de um problema sexual incurável, havia se suicidado.

O nome Signorelli foi lançado no inconsciente e sua recordação tornou-se impossível, devido à ligação associativa entre os dois elementos reprimidos - o desespero dos Turcos diante dos problemas sexuais e o suicídio do paciente pelas mesmas razões. Por outro lado, Boticelli e Boltraffio, os nomes de substituição, têm também ligações com o nome esquecido e os elementos recalcados.

Esquema das associações:



Signor mantém relação de similaridade com o Her de Herzégovina e com a palavra Herr que equivale em italiano a Signor - daí ser lançado no inconsciente. Por outro lado, Herr é o mestre absoluto, a Morte. Elli, ao contrário, anódimo, ressurge à superfície, em Boticelli. Os dois elementos recalcados chegam entretanto a transparecer através Bo, na medida em que é neutro e pouco revelador. Daí termos Bo-tticelli e Bo-ltraffio e depois Traffio, revelando a cidade onde ocorreu o suicídio, mascarada pela duplicação do f.

Neste caso a maior parte das associações é de natureza metafórica embora Lacan tenha se referido a propósito dos nomes de substituição, a ruínas metonímicas - Bo e traffio - porque são fonemas (partes) dos significantes completos reprimidos.

Comparando a metáfora com a condensação e a metonímia com o deslocamento, A. Rifflet-Lemaire estabelece as seguintes equivalências:

I. 1 metáfora	II. 1 metonímia	
2 substituição.	2 combinação	
3 sincronia	3 diacronia	assimilações
4 condensação.	4 deslocamento	lacanianas

A substituição/combinação assim como a sincronia/diacronia já foram amplamente estudadas anteriormente.

Nos referimos agora às tentativas de A. Rifflet - Lemaire para justificar de modo mais claro as relações entre a metáfora e a metonímia respectivamente com a condensação e o deslocamento.

Ela começa por mostrar que Freud em suas duas obras "A interpretação dos sonhos" e "A introdução à psicanálise", apresenta duas noções diferentes de condensação. E que a noção de condensação no chiste merece também uma atenção especial.

A condensação na "Introdução à Psicanálise" se lê

que "la condensation opère par voie d'omission de certains pensées latentes et donc par restitution lacunaire de ces pensée. Elle s'agit par choix selectif d'éléments latentes." (38). Há, portanto, uma "sobredeterminação" do pensamento latente, através de várias associações, relativamente aos elementos do manifesto.

A aproximação efetuada por Lacan não pode se efetuar, ou pelo menos não o pode totalmente se forem consideradas as definições linguísticas de seleção e de metáfora.

"La sélection linguistique retient un signifiant parmi d'autres unis par des liens de similarité e susceptibles par là d'être substitués au premier". (38)

"La métaphore est une substitution d'un signifiant à un autre, le premier étant pris dans une chaîne de termes synchroniques et similaires par le sens ou le son. Or Freud spécifie que les pensées latentes qui surdéterminent tel détail du manifeste ne sont pas nécessairement reliées entre elles." (38)

Conclui então A. Rifflet-Lemaire: "Il nous semble que la notion de métaphore chez J. Lacan est plus vaste, plus lâche, parce qu'elle s'applique à l'humain et surtout à l'inconscient où la logique n'existe pas. J. Lacan reprend à la linguistique les notions de sélection et de substitution, la notion de l'enchaînement synchronique de termes signifiants, mais il s'intéresse peu à la similarité..." (38).

... "Donc un rapprochement de la métaphora et de la condensation peut être valable à la condition d'assouplir le rigueur linguistique". (38)

Na "Interpretação dos sonhos" a condensação pode levar a uma formação compósita segundo Freud. Os elementos latentes se fundem em um único elemento manifesto que os representa em virtude de traços comuns. Como exemplo temos no sonho a formação de pessoas coletivas. Ainda nesta mesma obra Freud assimila a utilização de palavras com múltiplos sentidos.

Segundo A. Rifflet-Lemaire, esta segunda forma de condensação parece prestar-se melhor às deduções de Lacan face à similitude evocada por Freud entre os pensamentos latentes. Concluindo nos diz que as aproximações feitas por Lacan são justificáveis desde que se adapte o material linguístico ao domínio humano, por essência original, extraordinário. (38)

Por último a já referida autora se ocupará das condensações metafóricas e dos deslocamentos metonímicos. Mencionaremos apenas os exemplos dos chistes por ela selecionados.

O chiste "familiar", citado por Freud, foi analizado por Lacan segundo a técnica da metáfora.

O personagem principal de uma peça extraída dos "Tableaux de voyage" de Heine, se vangloria de suas rela

ções com o riquíssimo barão de Rotschild, dizendo que ele o tratava de igual para igual de maneira muito familionária .

Trata-se da condensação de duas idéias: familiar e milionária.

No caso do deslocamento metonímico temos também um outro exemplo de chiste extraído de Freud.

Num salão parisiense o poeta Heine conversa com um cidadão chamado Souillé, quando entra um desses novos ricos, o qual é logo cercado pelas pessoas presentes.

"Veja, diz Souillé o século XIX adora o bezerro de ouro".

"Oh, responde Heine, aquele ali já deve ter passado da idade! (38)

O termo bezerro utilizado por Souillé no sentido metafórico foi retomado por Heine em seu sentido próprio . Daí o humor no que se relaciona à idade.

6. Conclusão

Considerando-se a psicanálise lacaniana como um discurso cujo objeto é o inconsciente organizado estruturalmente como a linguagem, vamos verificar até que ponto o modelo linguístico por ela aplicado é ultrapassado em seu uso e, até mesmo, enriquecido.

A teoria do discurso atualmente esboçada através dos esforços de Lévi-Strauss, Lacan e Foucault, embora por vias às vezes discordantes, implica o afastamento de qualquer pretensão dominadora da linguística. Seu objeto é a linguagem, que é um continente semiológico, e não a língua. A concepção restritiva do signo em linguística a impede de captar as dimensões do discurso, tal como enunciadas e praticadas tanto por Freud, quanto por Lévi-Strauss. Estas dimensões são as da presença (do cheio) e da ausência (do vazio) que se articulam de modo interno e externo. A linguagem é suposta como produto da articulação interna (a sintagmática-paradigmática) ao alcance da linguística, e da articulação externa, eixo que ultrapassa a linguística (linguagem e não-linguagem). Este eixo de dimensão externa só pode ser pensado se admitirmos que o inconsciente fala em linguagem, uma segunda linguagem, que precisa ser construída dedutivamente. (63)

Para compreendermos a não-linguagem, ou seja, o silêncio, precisamos considerar que o discurso apresenta

uma dimensão manifestada (explícita) e uma não manifestada (implícita). Esta é, contudo, ainda uma presença, um falar. O silêncio se distingue do calar por ser a impossibilidade da linguagem. Ele entretanto não é um vazio absoluto. É função de um certo significante não receber a ocupação de um significado. Sua compreensão está relacionada ao princípio da abundância dos significantes, isto é, admitindo-se que nenhum significado cobre plenamente o seu significante. Esta abundância de significantes pode ser explicada pelo próprio discurso desde que este não se atualiza plenamente.

Se levarmos em conta o fato de que o falante, embora conhecendo o quadro fonológico que utiliza, é incapaz de tomar consciência das unidades chamadas fonemas, podemos concluir que é através delas que ele fala seu próprio silêncio. O silêncio portanto não é somente não linguagem, conforme o exposto anteriormente, mas a condição operacional de toda linguagem. A unidade mínima da estrutura verbal, o fonema, indica-nos que o silêncio é ainda a inconsciência do código que se usa. Daí duas possibilidades: ou falo o meu silêncio, condição própria do falar, ou sou falado pelo silêncio de minha episteme, de seus limites. Silêncio neste último caso considerado como função de ausência do próprio significante. O silêncio está situado, portanto, na dobra que corta o código, separando os elementos que permitem a comunicação, da comunicação por eles atualizada. (63)

"O discurso ideológico aparece justamente como o discurso recalcado, do qual o pensamento se libera no processo de fundação de uma ciência, ou inversamente, como o discurso recalcante, nos momentos críticos em que ele ressurge do novo discurso retendo, como um obstáculo ainda não superado o momento de sua elaboração criadora". (77)

A pura discriminação fonológica contudo não satisfaz, na medida em que dá a entender que a fissura é natural e inevitável. A reflexão de Lacan sobre o significante corrige esta limitação. (63)

A entrada do homem no simbólico, resultante da situação edipiana, gera uma fenda interna da qual se origina a barra divisora entre o significante e o significado, sendo este o que se opõe em lugar daquele. O Nome do Pai é suporte da função simbólica que identifica sua pessoa à figura da Lei. A criança legaliza seu desejo proibido pela mãe identificando-se com a Razão Proibidora. O significado nasce da Lei, o significante guarda o desejo, que reprimido, não se dissipa. A fissura separando o significante do significado faz com que minha "verdade" seja o lugar de alguma coisa que não me permito saber. "Esta fenda se ajusta à necessidade da persona, da máscara com que nos cobrimos. Somos máscaras porque o "eu" do enunciado é um eu de representação". (63) Daí o plano do significado ser mascarador não somente em relação ao neurótico.

Conforme podemos constatar a fissura contida no

discurso resulta da fissura correlata à entrada do homem na cultura, "no princípio de aliança"; nas leis de reciprocidade dos sistemas de parentesco. Daí o inconsciente estar na base de tratamento do discurso, na medida em que se tenta des-
cobrir a lógica do significante, que sempre escapa ante as interpretações do significado.

"A sutura nomeia a relação do sujeito com a cadeia de seu discurso: (...) ele aí figura como o elemento que falta, sob a espécie de um lugar-tenente. Pois, aí faltando, não é pura e simplesmente ausente"¹⁶. A separação do significado, do significante, por uma barra, faz com que o primeiro seja o lugar-tenente do que se oculta. Miller¹⁷ então enuncia: a lógica é o zero do discurso, pois como ele, é um espaço vazio que torna a ausência visível. Também Irigaray¹⁸: "o "eu" e o "se" (on) têm um estatuto diverso do "tu", pois o "eu" é a condição de permutação entre o "eu" e o "tu". Não é nada nem ninguém, mas a

¹⁶-Miller J.A. - "La suture (éléments de la logique du signifiant)", Cahiers pour l'analyse, 1/2, Seuil, Paris, 1966

¹⁷-Idem

¹⁸-Irigaray L. - "Linguistique structurale et poésie", logique et analyse, 19, Paris, 1962, citado por Luís Costa Lima.

possibilidade de identificação e de permutação do "eu" e do "tu", de quem emite e de quem recebe, únicos termos efetivos da comunicação. Implicado na comunicação como sua própria possibilidade de funcionamento, este terceiro termo, ou melhor este quarto - "eu", "tu" "tu", "ele" - é um vazio, o lugar de uma exclusão, a negação $\frac{1}{2}$ que permite a uma estrutura existir enquanto tal". Daí poderemos concluir com Costa Lima (63) que o inconsciente, como categoria que sustenta a teoria do discurso e a problemática sistêmica (estrutural), não é simplesmente o conteúdo não manifesto, a latência afetiva, mas sim continente estruturado.

Lacan nos diz: "Nossa doutrina do significante... não se funde em nenhuma admissão dos arquétipos divinos, mas no fato de que o inconsciente tenha a estrutura radical da linguagem..." (Écrits, p.594).

O significante é a articulação, a dobra, sem significação, que comanda nos seus nós o movimento do significado. "Um significante é o que representa o sujeito para um outro significante", segundo Lacan. Ou então, ainda nos dirá: "é a impressão capaz de traçar um círculo do qual se verá excluído a si mesmo como significante".

O que era para Saussure signo vê-se agora obrigado a dizer a primazia de uma ordem do significante, que por si só, é não-sentido, porque o sujeito é em relação à ordem heterônimo. O sujeito perdendo sua unidade se reconhece dividido na linguagem.

A materialidade do significante em Lacan não se define em relação a nenhum sensorium (o termo é de Lacan) específico nem permanente. Sua "estrutura" aparece observável na anamnese e em sua capacidade de produzir efeitos (um chiste, um sintoma, etc.). Esta estrutura consiste na operação de desaparecimento pela qual um significante é substituído por outro significante (materialidade do significante) (33a).

O forte em Saussure é o signo e não tanto a barra que separa o significante do significado. Para Lacan é a barra mesma. O significado para ele é "significado desconhecido" enquanto que na linguística a barra supõe um certo conhecimento do significado.

Constatamos, portanto, em Lacan um duplo rebatimento: o do problema da estruturação do sujeito para o interior das estruturas da linguagem (a "letra" precede o sujeito) e o problema da estruturação da linguagem para o interior das estruturas do significante (a "letra" precede a linguagem) (90)

Metáfora do sujeito, o significante é a metonímia do objeto. Há a separação entre o que nós representamos (o que leva à significação), e a coisa que permanece como avesso de toda representação. Coisa em relação à qual o sujeito está em estado de ausência, porque ele falta em toda parte onde não se encontra um significante para representá-lo. À fissura no objeto responde uma falta do sujeito.

Por outro lado, esta perda é o que sob o nome de desejo, move sem fim o sujeito na sua fuga de um significante a outro. O ser do sujeito só pode constituir-se pela exclusão do objeto.

Na análise sistêmica (estrutural) do discurso o significante não é mero suporte material destituído de sentido, mas carregado de carga semântica. Seu significado é diferente do expresso na medida em que é o não-dito.

Saussure, considerando o verso saturnal latino, mostra que o discurso é um palco que fala um texto que permanece nos bastidores. O palco onde a significação representa. Infelizmente Saussure não conseguiu atingir o plano do sentido, apenas o insinuou. (63)

"Com efeito, o poeta dá testemunho de uma relação profunda do desejo com a linguagem, ao mesmo tempo que demonstra - o que o analista não deve esquecer - até que ponto essa relação poética com o desejo se vê sempre dificultada quando se trata da pintura de seu objeto: assim a poesia chamada metafísica evoca muito melhor o desejo que a poesia figurativa, que pretende representá-lo". (22)

Atualmente não é muito fácil, ainda para os linguistas, determinar em que lugar do campo da teoria devem situar a mensagem poética. Com o modelo de Jakobson de seis fatores e seis funções (onde a função poética se acha deslizada no interior da prosa mais severa, da alocação verbal

mais utilitária), pareceria que a poética constitui algo mais que um ramo dos estudos linguísticos. Talvez a poética deva englobar a linguística e não ao contrário. (33a)

"A poética lida com problemas de estrutura verbal, assim como a análise da pintura está relacionada com a estrutura pictórica. Desde que a linguística é a ciência global da estrutura verbal, a poética deve ser encarada como uma parte integral da linguística." (Jakobson)¹⁹. Se assim o fosse não somente a poética seria parte da linguística, mas também, a psicanálise, parte dos estudos do folclore e a mitologia. (63)

"A função poética projeta o princípio da equivalência do eixo de seleção no eixo de combinação" (Jakobson)²⁰. Esta definição evidencia que o discurso tem duas dimensões: sintagmática (em presença) e paradigmática (em ausência). "Com efeito, o princípio da equivalência do poético significa que o eixo paradigmático se inclui e é absorvido pelo eixo sintagmático". (63) A partir daí Jakobson infere que o poético é indissoluvelmente ambíguo. Isso não significa, entretanto, negar o princípio de Jakobson de que em poesia, "qualquer metonímia é levemente metafórica e qualquer metáfora tem um matiz metonímico"²¹, mas mostrar que

¹⁹- Jakobson, R. - "Linguistics and poetics", *Langages*, 13, Didier - Larrouse, Paris, 1960, citado por Costa Lima.

²⁰- Idem.

²¹- Idem.

tem a ver com o caráter tenso da estrutura e não com a ambiguidade do poético. (63)

"O importante é entendermos que o enunciado de Jakobson equivale a negar, no caso da poesia, a necessidade, sequer a possibilidade, de se desentranhar o subtexto do sentido, a fala das cavernas. Desta inferência resulta ser corolário: a indagação gramatical equivale à apreensão do poético. A poesia está na gramática que a tece, a gramática diz poesia tecida. Neste sentido a poética pode ser parte integrante da linguística, mas sem prejuízo da própria poética". (63)

A teoria e a prática psicanalíticas mantêm menos pontos em comum com o modelo fonológico (descrição de unidades deferenciais pertencentes todas ao mesmo substrato material) que com a estrutura da significação de uma poesia. É através das figuras da retórica clássica que os mecanismos da atividade do inconsciente descritas por Freud podem ser fixados e descritos. O sonho e suas modalidades de expressão, o deslocamento, a condensação, a figuração, a elaboração secundária, aparecem como homólogas às figuras de estilo. Um poema assim como um sonho é a síntese de latências que conduzem a, pelo menos, três níveis desde onde se elabora a trama da significação. No nível semântico, o poeta fala com o que diz, no nível fonológico, com os sons com os quais não diz o mesmo, no nível sintático, com as escansões, os ritmos, as formas quantitativas do verso. Um poe

ma é, portanto, a soma de todos seus níveis e das transformações que permitem passar de uns a outros. (33a.)

Relativamente ao uso psicanalítico da metáfora e da metonímia por Lacan comparado com a linguística, já fizemos uma apreciação bastante extensa no ítem anterior (sobre as formações do inconsciente e os processos linguísticos da metáfora e da metonímia).

Segundo A.Rifflet-Lemaire, como já vimos antes, o uso que Lacan faz dos dados linguísticos é de uma iluminação que lhe é própria e que se impõe ao inconsciente humano, como assunto de que se ocupa.

A mesma autora nos diz que Lacan ao aplicar à psicanálise os ensinamentos da linguística termina por humanizá-los, aproximando por exemplo a linguagem do doente da linguagem do poeta. São que as operações entre significante e significado realizadas pelo primeiro são estritamente privadas, incomunicáveis e incompreensíveis.

Ainda A.Rifflet-Lemaire afirma que o pequeno desvio de Lacan de um ponto de vista estritamente científico, é sua visão filosófica do fenômeno da "compreensão" interhumana, da apreensão "impossível" pelo homem da verdade.

BIBLIOGRAFIA

A) Os escritos de Lacan:

a- Os Écrits, Seuil, 1966, por ordem cronológica

- (1) - Le Stade du Miroir Comme Formateur de Fonction du Je, 1937
- (2) - L'Agressivité en Psychanalyse, 1938
- (3) - Intervention sur le Transfert, 1952
- (4) - Variantes de la Cure-type, 1955
- (5) - Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse, 1956
- (6) - Introduction au Commentaire de J.Hyppolite sur la Verneinung de Freud, 1956
- (7) - Réponse au Comentaire de J.Hyppolite sur la Verneinung de Freud, 1956
- (8) - Situation de la Psychanalyse et Formation du Psychanaliste en 1956, 1956
- (9) - La Psychanalyse et son Enseignement, 1956
- (10) - Instance de la Lettre dans l'Inconscient ou la Raison Depuis Freud, 1957
- (11) - D'une Question Préliminaire à Tout Traitement Possible de la Psychose, 1957
- (12) - La Signification du Phallus, 1958
- (13) - Jeunesse de Gide ou la Lettre et le Désir, 1958
- (14) - A la Mémoire d'Ernest Jones; Sur la Théorie du Symbolisme, 1960
- (15) - Subversion du Sujet et Dialectique du Désir dans l'Inconscient Freudien, 1960
- (16) - La Direction de la Cure et les Principes de son Pouvoir, 1961
- (17) - Remarque sur le Rapport de D.Lagache: Psychanalyse et Structure de la Personnalité, 1961
- (18) - Kant avec Sade, 1963
- (19) - Du "Trieb" de Freud et du Désir du Psychanaliste, 1964
- (20) - Position de l'Inconscient, 1966
- (21) - La Science et la Verité, 1966

b- Outros escritos:

- (22) - Les Formations de l'Inconscient, Seminários do ano 1956/57, em "Bulletin de Psychologie" 1956-1957
- (23) - Discussion de l'Article de S.Leclair et J.Laplanche: l'Inconscient, une Étude Psychoanalytique, VI Colóquio de Bonneval., em l'Inconscient", Desclée de Brower, 1966
- (24) - Scilicet, nº 1, "Le champ freudien, Seuil, 1966
- (25) - Préface et teneur de l'Entretien avec J.Lacan, in A. Rifflet-Lemaire, Jacques Lacan, Dessart, Bruxelles, 1970
- (26) - Scilicet 2/3. Paris, Seuil, 1973
- (27) - Scilicet 4. Paris, Seuil, 1973
- (28) - Le Séminaire, livre XI: Les Quatre Concepts fondamentaux de La Psychoanalyse. Paris, Seuil, 1973

B) Estudos sobre Lacan:

- (29) - Anzieu, D - Débat: Contre Lacan, La Quinzaine Littéraire, 20 de janeiro de 1967
- (30) - Bakes, Catharine - "Lacan ou le Porte-Parole", Critique, nº 249, fevereiro de 1968
- (31) - Bertherat, Y. - Freud avec Lacan, in Esprit, 12 de dezembro de 1967
- (32) - Duffrenne, M. - Plaidoyer pour l'Homme, Seuil, 1968
- (33) - Masotta, O. - Introducción a la lectura de Jacques Lacan, Proteo, Buenos Aires, 1970
- (33a) - Masotta, O - Significante y Psicoanálisis en Métodos de Investigación en Psicología y Psicopatología, Nueva Visión, Buenos Aires, 1971
- (34) - Fages, J.B. - Comprendre Jacques Lacan, Privat, Toulouse, 1971
- (35) - Miel, J. - Jacques Lacan y la Estructura del Inconsciente, em Jacques Lacan - Las Formaciones del Inconsciente, Nueva Visión, Buenos Aires, 1972
- (36) - Palmier, J.M. - Lacan, Ed. Universitaires, Coll. Psychothèque, 1969

- (37) - Reboul, Jean - Jacques Lacan y Los Fundamentos del Psicoanálisis, em Jacques Lacan, Las Formaciones del Inconsciente, Nueva Visión, Buenos Aires, 1972
- (38) - Rifflet-Lemaire, A. - Jacques Lacan, Dessart, Bruxelles, 1970
- (39) - Qu'est-ce que le Structuralisme ? (obra coletiva) Seuil, 1969

C) Estudos baseados em Lacan:

- (40) - Althusser, L. "Freud e Lacan" em Estruturalismo, Portugalia, Lisboa, 1968
- (41) - Badiou, A. - "Marque et Manque, à Propos du Zéro", en Cahiers pour l'Analyse, nº 1, 1969
- (42) - Green, André - "As portas do Inconsciente", em O Inconsciente, Henry Hey
- (43) - Hey, Henry - "Conhecimento do Inconsciente" em O Inconsciente, Tempo Brasileiro, Rio, 1969
- (44) - Laplanche, Jean y Leclaire, Serge - "O Inconsciente", Tempo Brasileiro, Rio, 1969
- (45) - Laplanche, Jean - Holderling et la question du père, P.U.F., Paris, 1961
- (46) - Laplanche, Jean y Pontalis, J.B. - "Fantasme Originai re, fantasme des origens, origens du fantasme, Les Temps Moderns, abril de 1964
- (47) - Léclaire, S. - "A Propos de l'Episode Psychotique que Présenta l'Homme aux Loups", La Psychanalyse. P.U.F. vol. 4, 1959
 - "Les éléments en Jeu dans une Psychanalyse", Cahiers pour l'analyse nº 5, 1966. Psychanalyser, Seuil, Paris, 1958
- (48) - Mannoni, Maud - Chaves para o Imaginário, Vozes Petrópolis, 1973
- (49) - Masotta, O e outros - "Temas de Jacques Lacan", Cader nos de Sigmund Freud, Buenos Aires, 1971, nº 1
- (50) - Miller, J.A. - "La Suture" en Cahier pour l'analyse, nº 1, 1966
- (51) - Pontalis, J.B. - Après Freud, Gallimard, Paris, 1968
- (52) - Stein, Conrad - "Linguagem e Inconsciente", Tempo Brasileiro, Rio, 1969

D) Psicanálise e análise estrutural

a-

- (53) - Freud, S. - Obras Completas, Madrid, Biblioteca Nueva, 3 vol. I - (1967), II, III - (1968)

b- Outros

- (54) - Althusser, L. - Sobre o Trabalho Teórico, Editorial Proença, Lisboa
- (55) - Auzias, J.M. - Chaves do Estruturalismo, Civilização Brasileira, Rio, 1972
- (56) - Bachelard, G. - Le Nouvel Esprit Scientifique, P.U.F., Paris, 1963
- (57) - Badiou, A. - Le Concept de Modèle, François Maspero, Paris, 1972
- (58) - Barthes, R. - Elementos de Semiologia, Cultrix, São Paulo, 1971
- (59) - Bastide, R. - Usos e Sentidos do Termo "Estrutura", Herder, São Paulo, 1971
- (60a) - Benveniste, E. - Problèmes de Linguistique Générale, Gallimard, Paris, 1966
- (60b) - Benveniste, E. - "Estrutura" em linguística, em Usos e Sentidos do termo "estrutura", Roger Bastide, U.S.P. 1971
- (60c) - Benveniste, E. - "Remarque sur la fonction du langage dans la découverte freudienne, la psychanalyse n° 1
- (61) - Boudon, R. - A Quoi Ser la Nation de Structure? Gallimard, Paris, 1968
- (62) - Chomsky, N. - La Linguistique Cartesienne (1966), seguida de La Nature Formelle du Langage (1967), Seuil, Paris, 1969
- (63) - Costa Lima, L. - "Os Discursos de Representação", em Tese de Mestrado, PUC, 1971
- (64) - Ducrot, Oswald - Estruturalismo e Linguística, Cultrix, São Paulo
- (65) - Fages, J.B. - Para entender o Estruturalismo, Moraes, Lisboa, 1969
- (66) - Granger, G.G. - Pensée Formelle et Sciences de L'Homme, Aubier-Montaigne, France, 1960
- (67a) - Hjelmslev, L. - Prolegomene to a Theory of Language, Bloomington, Indiana, 1953

- (67b) - Hjelmslev, L. - Acta Linguística, II, fasc. 3, 1944, citado por Benveniste, em Usos e Sentidos do termo - "estrutura", U.S.P., 1971
- (68) - Jakobson, R. - Linguística e Comunicação, Cultrix, São Paulo, 1969
- (69) - Lagache, O. - "A Estrutura em Psicoanálise", em Usos e Sentidos do Termo "estrutura", Herder, São Paulo, 1971
- (70) - Laplanche, J. e Pontalis, J.B. - Diccionario de Psicoanálisis Labor, S.A. Barcelona, 1971
- (71) - Lepschy, G.C. - A Linguística Estrutural, Perspectiva, U.S.P., 1971
- (72) - Lévi-Strauss, C. - Antropologia Estrutural, Tempo Brasileiro, Rio, 1970
- (73) - Lévi-Strauss, C. - Les Structures Élémentaires de la Parenté, P.U.F., Paris, 1947
- (74) - Lévi-Strauss, C. e outros - Estruturalismo, Tempo Brasileiro, 2a. edição, revista e ampliada, Rio
- (75) - Martinet, A. - La Linguistique Synchronique, Etudes et Recherches, Paris, 1965
- (76) - Peñalver Simó, M. - La Linguística Estrutural y las Ciencias del Hombre, Nueva Vision, Buenos Aires, 1972
- (77) - Pires, Eginardo - "A teoria da Produção dos Conhecimentos" em Epistemologia e Teoria da Ciência, Vozes, Petrópolis, 1971
- (78) - Pouillon, J. - "Uma tentativa de definição", em Estruturalismo, Portugalia, Lisboa, 1968
- (79) - Prado Coelho, E. - "Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismo, em Estruturalismo, Portugalia, Lisboa, 1968
- (80) - Prieto, L.J. - "La découverte du phonème", em La Pensée, nº 148, Décembre, France, 1969
- (81) - Ricoeur, P. - De L'Interpretation, essai sur Freud, Seuil, Paris, 1965
- (82) - Safouan, M. - Estruturalismo e Psicanálise, Cultrix, São Paulo
- (83) - Saussure, F. - Cours de Linguistique Générale, Payot, Paris, 3a. edição
- (84) - Serres e Badiou - Modèle et Structure, em Rêvue de l'Enseignement Philosophique, octobre-novembre, 1967
- (85) - Travaux du Cercle Linguistique de Prague, I, Praga, 1929, citado por Benveniste, em Usos e Sentidos do termo "estrutura", U.S.P., 1971

- (86) - Troubetzkoy, N.S. - "La phonologie actuelle", Psychologie du langage, Paris, 1933, citado por Benveniste, em Usos e Sentidos do Termo "estrutura", U.S.P., 1971
- (87) - Troubetzkoy, N.S. - Principes de Phonologie, Paris, 1949
- (88) - Vergote A. e outros - La psychanalyse, science de l'homme, Dessart, 1964
- (89) - Vital Brasil, H. - "A estrutura em metapsicologia - um ensaio crítico", em Psicanálise em Crise, nº 1, Vozes Petrópolis, 1974
- (90) - Whal, F. - Estruturalismo e Filosofia, Cultrix, São-Paulo.

Tese apresentada no Departamento de
Psicologia da Pontifícia Universida-
de Católica do Rio de Janeiro, fa-
zendo parte da Banca Examinadora os
seguintes professores:

Circe Navarro Rivas
Prof^a Circe Navarro Rivas

Monique Rose Aimee Augras
Prof^a Monique Augras

Antonio Gomes Penna
Prof^o Antonio Gomes Penna

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1975

Val Candau
Coordenador dos Programas de Pós-
graduação e Pesquisa do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.